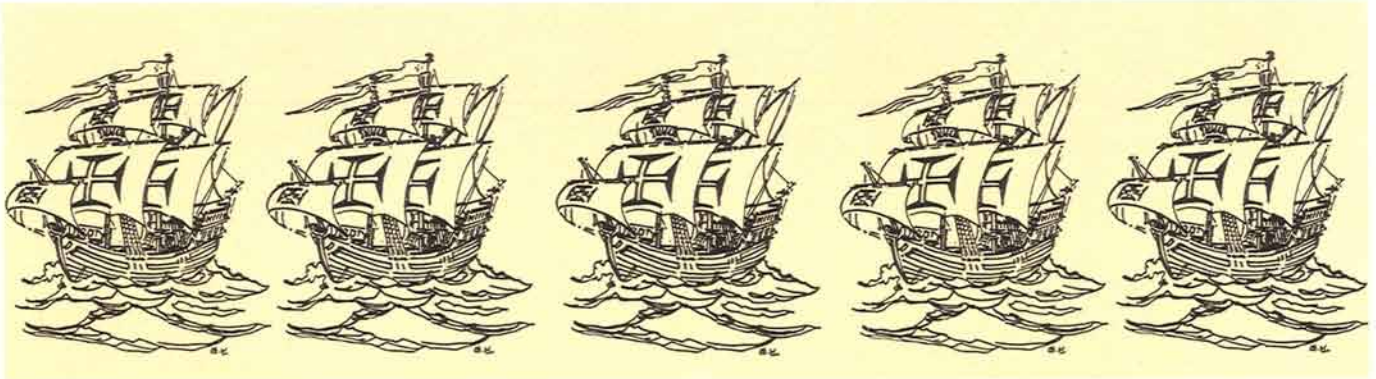
N.º 30 / MARÇO 1974 / ANO III

# revista da ARMADA

# sumário


| | | Pág. |
|---|---|---|
| M. do Vale | **Nota de Abertura** | 3 |
| M. Horta | **Efemérides Navais**<br>Guardas-Marinhas | 4 |
| M. Batista | **Adeus Pai** | 6 |
| S. Elpídio | **A Pátria Honrai** | 7 |
| F. Câmara | **Ultramar**<br>Soberania Nacional Assegurada por mão Forte... de Mulher | 8 |
| C. Andrade | **Saudades da Pátria** | 10 |
| O. Lemos | **Ciências, Artes e Letras**<br>O Manuelino – *Um estilo arquitectónico genuinamente português* | 11 |
| M. Horta | **Notícias Pessoais** | 14 |
| M. do Vale | **Saibam Todos** | 15 |
| P. Filipe | **Estarão os Pais Ensinando os Filhos a serem violentos?** | 17 |
| S. Elpídio | **Terminologia Naval** | 18 |
| A. Fonseca | **Desportos** | 19 |
| Redacção | **Voz da Abita** | 22 |
| G. Brandão | **Filatelia** | 24 |
| M. do Vale / O. Lemos<br>S. Elpídio | **Curiosidades** | 25 |
| S. Elpídio | **Reportagem** | 26 |
| S. Machado | **Quarto de Folga** | 32 |
| C. Andrade | **Biombo com Motivo Histórico** | 35 |

**REVISTA DA ARMADA**
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

*Director e Editor:*
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

*Orientação gráfica:*
Hernani Lopes

*Publicação mensal*

*Propriedade*
do Ministério da Marinha

*Redacção e Administração*
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 30 / MARÇO DE 1974 / ANO III

Preço de venda avulso 3$00

*Assinaturas anuais:*

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Ilhas (via aérea) 59$00
Ultramar (via aérea) 113$00

Na capa:

**Escola de Fuzileiros**
**Exercício de desembarque.**

*(Foto de A. Fernandes, Fotog. do Gab. de Fotogr. do EMA)*

**Execução gráfica:**
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

# nota de abertura

## Morreu um Ardina

Os marinheiros não vivem apenas para o mar. São cidadãos do mundo e como tal também sentem as coisas de terra.

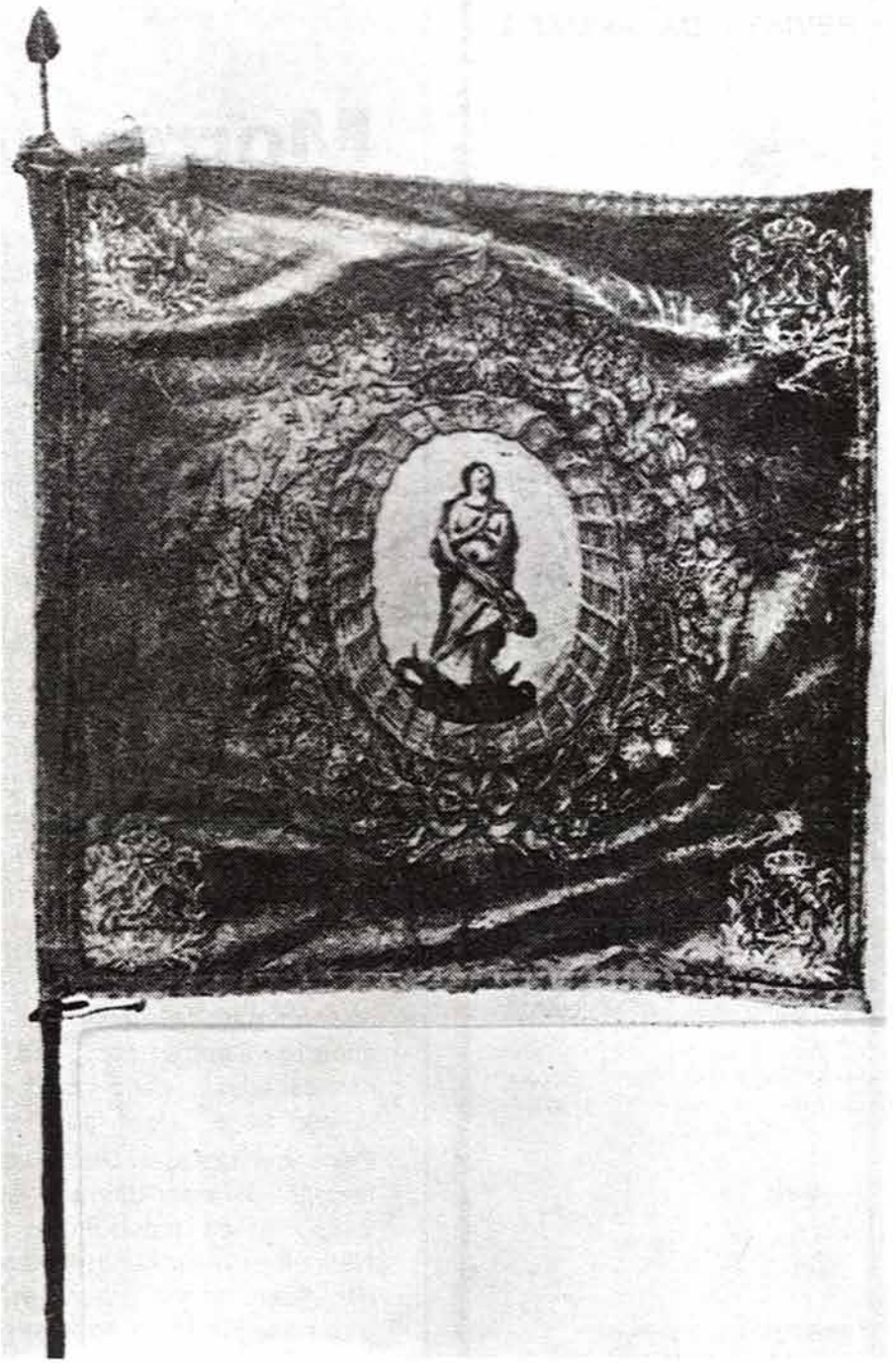
Conheci o Américo quando casei e fui viver para o Bairro Azul. Era novo, alto, esguio e tinha o cabelo loiro e os olhos azuis. Parecia um estrangeiro. Praticava o atletismo no Benfica onde era corredor de fundo.
Os seus pregões, logo de manhãzinha, enchiam a minha rua: «Século»... «Notícias»... «Século»...
Começava a ouvi-lo ainda longe e sentia-o aproximar da minha casa. Depois, ouvia o jornal bater nos vidros da janela e cair no parapeito. Levantava-me e ia buscá-lo. Às vezes ficava a vê-lo. Dobrava os jornais no sentido do comprimento, dava-lhe um nó e atirava com eles para as varandas ou janelas dos andares de cada prédio. Fazia-o com um gesto sacudido da mão direita, de dentro para fora e raramente falhava a pontaria!
Em poucos minutos desaparecia ao fundo da rua, deixando todos os fregueses aviados. Dava gosto vê-lo naquele trabalho. Era a verdadeira imagem da destreza e da alegria de viver.
Mas, o tempo foi correndo e o Américo envelheceu. Agora já não atirava os jornais porque a maior parte das vezes não acertava. Entrava nos prédios e distribuía-os pelos andares. Depois, nem isso. Passou a deixá-los ao fundo das escadas e cada um que o fosse lá buscar. Ele é que já não tinha forças para andar acima e abaixo.
Certo dia desapareceu. Disseram-me que tinha baixado ao hospital para ser operado.
Voltou meses depois muito magro e com péssimo aspecto. Nem parecia o mesmo! Fora realmente operado mas a «coisa» não ficara bem... Passou então a ficar na esquina da rua, a vender jornais e revistas a quem passava, e a mulher é que fazia a distribuição.
Agora, desapareceu outra vez e... para sempre. Finou-se aos poucos, com grande sofrimento e sem qualquer esperança de salvação, disse-mo a mulher a chorar.

Vou ter saudades dele. Os seus pregões eram alegres e enchiam a minha rua: «Século»... «Notícias»... «Século»...

*Com.*

# Efemérides Navais

## Guardas--Marinhas

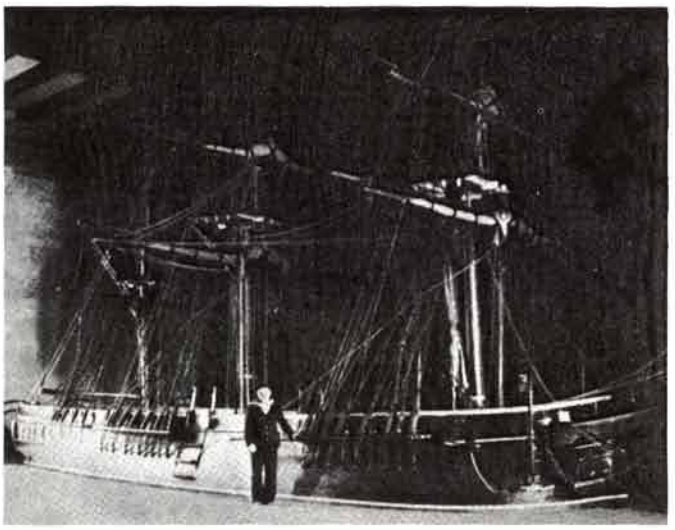


*A bandeira nova da Companhia dos Guardas-Marinhas, que foi oferecida pela rainha D. Maria II, em 1846.*

Em Outubro de 1921, por ocasião da abertura das aulas da centenária Escola Naval, escrevia-se na revista «ABC», supomos que pela pena do seu director, distinto historiador e jornalista Rocha Martins, uma crónica com o título em epígrafe, que julgamos de bastante interesse, pelo que vamos transcrever algumas passagens e reproduzir as duas fotografias que a ilustram.

«Vão abrir as aulas da Escola Naval. Esta simples notícia que aparecerá nos jornais confundida com um amontoado de episódios da vida lisboeta, ou com três linhas a separar dois incidentes expressivos da dissolução da sociedade portuguesa é mais um sintoma triste dum país que deixa morrer as suas lindas tradições.

A Escola Naval irá abrir, sem uma solenidade brilhante e no entanto, ainda não há muitos anos, em 1904, que o último rei de Portugal, então o infante D. Manuel, prestava na Sala do Risco, o seu juramento de bandeira



*A corveta «Paciência» que existiu na Sala do Risco da Escola Naval, no antigo Arsenal de Marinha, desaparecida no incêndio de 1916.*

como guarda-marinha... Os guardas-marinhas!... A Escola Naval!...

«Considerando o muito que convém ao regular serviço de Marinha, que nela haja educação de oficiais que se façam dignos pela sua instrução e préstimo, de subirem aos postos maiores, e de nele cumprirem as suas obrigações como espero, hei por bem criar por ora vinte e quatro guardas-marinhas, que terão gradução de alferes de infantaria e os mesmos soldos, insígnias e uniformes, respectivos na cor do corpo em que hão-de servir.»

Este trecho dum decreto de Pombal, com data de 2 de Julho de 1761, é o primeiro documento em que aparece pela primeira vez, o nome de guarda-marinha.

A designação de guarda-marinha é mais uma das muitas adaptações de Pombal, à obra de Colbert. Foi este estadista francês que criou o termo «garde-marines», para o que organizou cursos obrigatórios.

Logo no primeiro núcleo de guardas-marinhas portugueses, sairam marinheiros que se tornaram notáveis, como Januário do Vale, Manuel da Cunha Sotto Mayor, Pedro de Mendonça e Pedro Moriz.

Depois da queda do marquês de Pombal, o ministro da Marinha Martinho de Melo, iniciou uma acção rigorosa em prol dos guardas-marinhas, e foi verdadeiramente ele, que organizou os serviços da Armada.

Num decreto com a assinatura da rainha D. Maria I, pode ler-se: «...E considerando o muito que convém ao meu real serviço, que na Marinha haja oficiais hábeis e ilustrados para me servirem com utilidade excitar a observância do dito primeiro decreto, na parte somente que nesta se declara o criar uma Companhia dos Guardas-Marinhas, para o qual tenho mandado fazer o regulamento, etc.»

A acção de Martinho de Melo foi uma acção enérgica e precursora. Em 5 de Agosto de 1779, criava-se a Academia Real da Marinha, que foi, por assim dizer, a primeira Escola Naval do País, com cursos para futuros oficiais.

O primeiro regulamento, um regulamento provisório, da Companhia dos Guardas-Marinhas, foi elaborado pelo conde de S. Vicente, seu primeiro comandante.

Na biblioteca da Escola Naval, o nosso correspondente pôde analisar um manuscrito, com o seguinte título: «Regulamento Provisional para uso da Companhia dos Guardas-Marinhas composto por ordem de Sua Majestade, pelo conde de S. Vicente, tenente-general da Armada Real; sendo como inspector da mesma Companhia da sua Real Academia em 1778, formulado enfim o novo regulamento provisional que Sua Majestade mandou observar em 29 de Março de 1825, pelo capitão-tenente da Armada Real, Director da mesma Companhia, J. de F. P. de M. ano de 1826».

Esta acomodação foi feita pelo comandante João de Fontes Pereira de Melo.

Dos documentos do arquivo dos guardas-marinhas, nem um só existe na Escola Naval.

Em 1807, largou do Tejo a esquadra que levava a família real para o Brasil, a nau «Conde D. Henrique», onde embarcaram todos os guardas-marinhas, levou todos os documentos, que parece terem-se perdido.

A 3 de Julho de 1821, a família real regressou a Portugal, e quatro anos depois, era instalado no mesmo local a Companhia dos Guardas-Marinhas, havendo uma importante solenidade na Sala do Risco do Arsenal da Marinha, com beija-mão régio, distribuição de prémios, e cerimonial de acessos de postos de alguns guardas-marinhas.

Em 1845, era extinta a Academia dos Guardas-Marinhas. Em seu lugar aparece a Escola Naval.

Em 1872, a Companhia dos Guardas-Marinhas passou a chamar-se Grupo de Alunos Militares da Armada, que veio por fim, na última reforma de 1903, a designar-se simplesmente Corpo de Alunos.

Foi na Sala do Risco que se instalou a Companhia dos Guardas-Marinhas, que vieram pelo impulso do ministro da Marinha Martinho de Melo, do Colégio dos Nobres, onde os instalou o marquês de Pombal.

No diário dos guardas-marinhas recortam-se numerosos pormenores do nosso historial político:

«Julho dia 26. Em consequência dos felizes acontecimentos desta capital que foi abandonada pelas tropas do governo intruso, e de se achar todo o Arsenal da Marinha, em completo estado de abandono, não tiveram lugar os exercícios costumados a praticar nesta Companhia, nos dias 24, 25 e 26, deste corrente mês; dias estes em que todo o Estado-Maior e mais praças da mesma Companhia, serviram no dito Arsenal, em todos os ramos da sua Administração em prol do legítimo processo de Sua Majestade Fidelíssima a rainha D. Maria II.»

Esta passagem refere-se à entrada em Lisboa do duque de Terceira.

Numa outra nota, é frisada a nomeação, em 28 de Outubro de 1846, do infante D. Luís, filho da rainha D. Maria II, como guarda-marinha.

É toda farta destes pormenores duma tradição brilhante, a história dos guardas-marinhas portugueses.

Nas vitrines da Escola Naval existem duas bandeiras dos

guardas-marinhas, chamadas a bandeira velha e a bandeira nova.

Uma delas, a primeira, quando da fuga da família real, acompanhou também a Companhia dos Guardas-Marinhas, ao Brasil e por lá ficou, sendo mais tarde vista em Quelimane pelo comandante Augusto Castilho, que a enviou como uma veneranda relíquia para o Museu da Escola Naval.

A segunda bandeira foi oferecida em 1846 pela rainha D. Maria II, bandeira que ainda figurava nas últimas solenidades dos aspirantes de marinha. A bandeira é lindíssima.

Sobre um fundo de carmezim escuro assenta uma estrela, grande, de quatro pontas, tocando os verticais na periferia do rectângulo. Sobre a estrela assenta um disco com a imagem da Virgem, tendo na mão direita um ramo de açucenas e aos pés a terra, com uma serpente enroscada. Atrás da imagem dardejam raios. No outro lado da bandeira, o escudo das armas de Portugal, com o desenho igual ao das moedas cunhadas em 1776. A um e outro lado do escudo há trofeus de bandeiras, lanças e espadas, assentes sobre o casco duma nau do século XVIII. Em toda a periferia do rectângulo, corre uma silva florida, e nos dois cantos as iniciais M. P. R. que significa Maria Primeira Rainha.

Em baixo da nau desenvolve-se uma fita com este dístico: Companhia dos Guardas-Marinhas.

Tudo desapareceu...

As tradições morreram. O culto das atitudes nobres, o desejo de perpetuar o que ainda nos pode salvar pela sua passada grandeza, vai agonizando também, na asfixia dum ambiente onde uma mórbida indiferença, dá lugar à tumultuosa invasão de inovações perturbadoras e para maior desastre, o incêndio da Escola Naval em 1916.

A Sala do Risco perdeu-se totalmente, e com ela uma das maiores tradições que a adornavam – a corveta «Paciência». A «Paciência», era o barco-escola, uma corveta grande, com armação completa, montada ao fundo da Sala do Risco, e onde todos os aspirantes, faziam o seu tirocínio tradicional.

Muitos almirantes, que ficaram ilustres na história da Marinha portuguesa, muitos oficiais, que na política marcaram um nome que figurará sempre ao lado dos nomes mais ilustres da nossa terra, quando aspirantes, subiam pelo cordame da «Paciência», e essa subida, era a primeira etapa a vencer, na ascenção da sua carreira brilhante.

Tudo desapareceu...

O incêndio da Escola Naval, foi o complemento da destruição das tradições dos guardas-marinhas, porque as chamas levaram muito do que restava, para recordar com veneração.

A segunda bandeira salvou-se milagrosamente e da primeira foi salvo um pedaço pelo contra-almirante Braz de Oliveira, que o retirou ainda fumegante dos caixilhos onde se encontrava exposta.

Vai abrir a Escola Naval. Vão abrir as aulas para os novos guardas-marinhas e quantos deles ignorarão a existência daquelas bandeiras que ninguém vê, que nunca mais tremularão talvez, nas mãos de marinheiros comovidos, em horas solenes, horas tão fulgurantes como aquelas que já esqueceram...»

*M. Horta*
*Sarg.-aj. L*

# ADEUS PAI

**De rosto cansado**
**rugas e lágrimas**
**revejo-te ao longe**
**oh Pai adorado,**
**que chora,**
**que geme,**
**fica como louco...**
**que é a filha que parte,**
**que não mais verá...**
**... é só mais um abraço...**
**é mais que um soluço**
**... é mais que um brado!**

**Não esqueças o «VELHO»...**
**o Pai que te ama,**
**coração que é grito**
**corpo que é lama...**

**Teus olhos sem brilho,**
**oh Pai, oh Pai velho,**
**tu és forte, és belo**
**e eu sendo nova,**
**tanto te invejo...**
**Não esqueço, descansa...**
**a tua alma pura**
**os teus bons conselhos**
**e a tua doçura!**

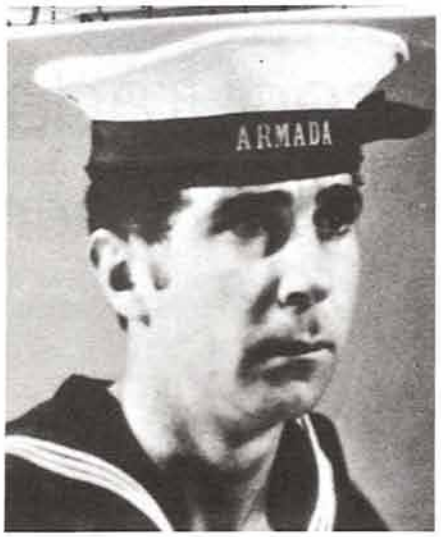
**Quando pequenina**
**que medo eu tinha**
**da tua voz forte**
**de tuas mãos grandes...**
**e depois cresci,**
**aprendi a amar-te**
**... o medo fugiu,**
**ficou o respeito,**
**ficou a ternura,**
**ficou o amor,**
**também a ventura**
**também o penhor!**

**Hoje és Avô!**
**Avô adorado...**
**És Pai outra vez**
**de bebés alados!**
**... E dos teus fios brancos**
**que tens sobre a face**
**belos, prateados**
**são raios de luz**
**das filhas que amaste!**

**Adeus, querido Pai.**
**Beijos, muitos beijos**
**em teus fios de prata**
**que te manda a filha**
**que amaste e te é grata,**
**e que só é feliz**
**ao sentir tuas mãos**
**já encarquilhadas**
**em seu rosto jovem**
**de lágrimas molhadas!**

*Maria Teresa de Ávila Batista*
*Escriturária-dact. de 1.ª cl. do Q. P. C. M. M.*

# a Pátria honrai



*As excelentes qualidades militares, de trabalho e humanas do marinheiro fuzileiro especial 492/64 LUÍS ALBINO GONÇALVES e a sua coragem, determinação e sangue frio em combate, afirmando-o como uma praça de elevado mérito, fizeram que lhe fosse justamente atribuída a condecoração da medalha da Cruz de Guerra de 3.ª classe.*

*Revelando-se durante a comissão em Moçambique um dos mais valiosos elementos da sua unidade, evidenciou-se pela sua dedicação e desejo de bem servir; ao seu comportamento exemplar aliou um espírito recto, zeloso dos seus direitos mas consciente das obrigações que lhe cabiam.*

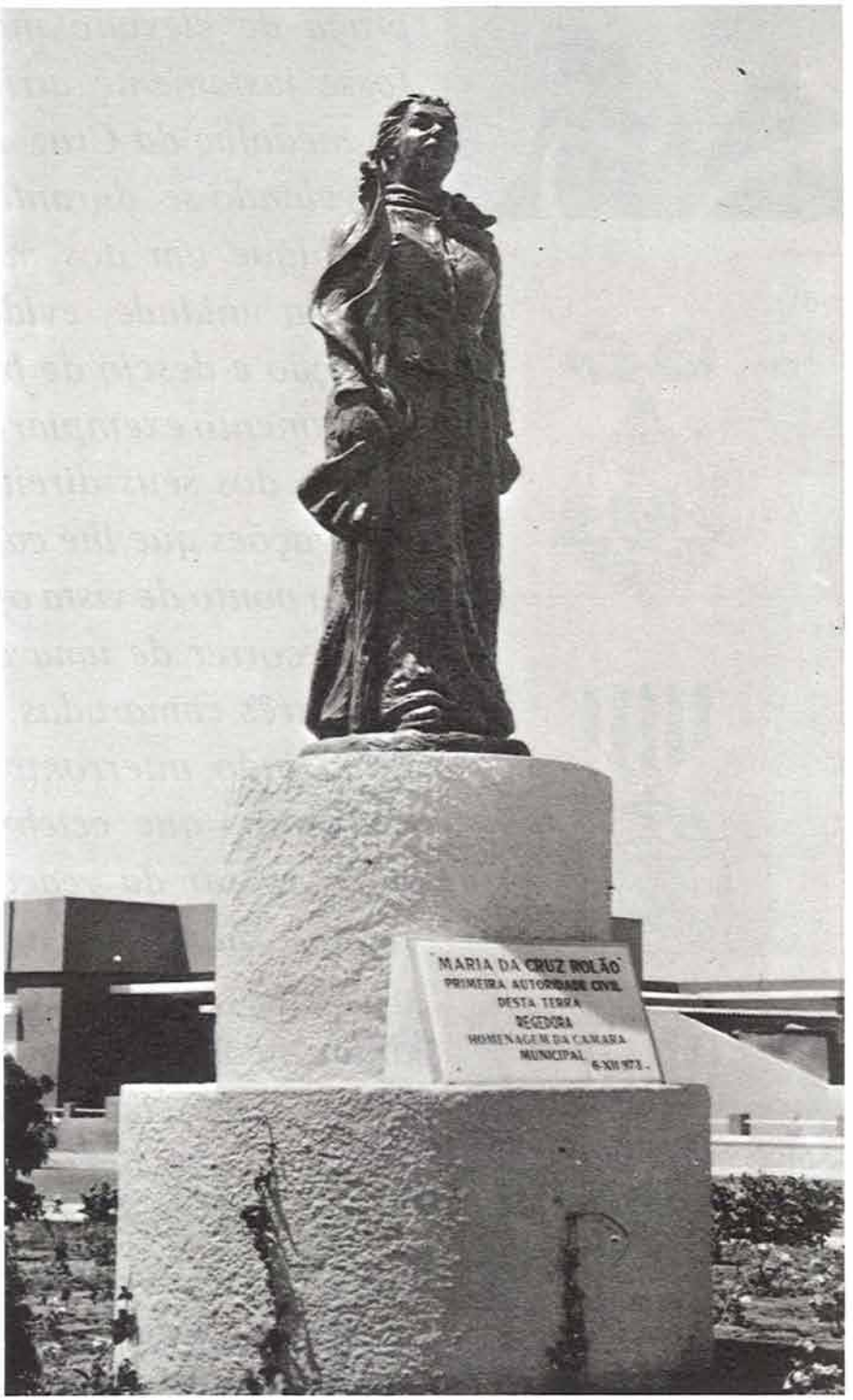
*Sob o ponto de vista operacional, destacou-se no decorrer de uma operação em que, com mais três camaradas, entrou numa base inimiga indo interromper uma assembleia de elementos que celebravam o dia da Frelimo. Apesar da reacção do adversário, em número superior e bem armado, não recuou o marinheiro GONÇALVES e com extraordinária coragem e sangue frio entrou na base com os seus camaradas, pondo-o em fuga, causando-lhe baixas pessoais e capturando material de guerra e importante documentação.*

N. R.: *O marinheiro GONÇALVES é natural de S. Sebastião, concelho de Lagos, distrito de Faro.*

# Soberania Nacional Assegurada

## Por mão forte ...de Mulher

*Estátua erigida em Porto Alexandre em homenagem a MARIA DA CRUZ ROLÃO.*




O episódio, com sabor naval, que nos propomos divulgar teve por cenário o que é hoje um dos mais importantes centros piscatórios do espaço português e, para além disso, uma bonita e progressiva cidade, realidade bem visível de quanto vale o esforço e a tenacidade da raça lusíada. Trata-se de Porto Alexandre que, para além da simples menção de ter sido cenário da nossa história, bem merece mais algumas palavras.

Ao percorrer o mar do litoral sul-angolano depara-se-nos a certa altura uma excelente e convidativa baía, orientada na direcção leste-oeste, de águas calmas, protegidas por uma extensa restinga de areia.

Foi Diogo Cão quem dela deu notícias pela primeira vez, em 1485, designando-a por Angra das Aldeias, e com tal realce e entusiasmo o fez que esse recanto passou a constituir ponto de paragem apetecido para descanso dos navegantes portugueses em demanda de novas descobertas.

Em flagrante contraste com a excelência da baía e quietude hospitaleira das suas águas, surgia aos olhos dos nossos navegadores uma paisagem desoladora, de areias em redemoinho, batidas pelo vento, sem vegetação nem água, onde qualquer idéia de fixação e vida se afigurava impossível.

É certo que decorreram 3 séculos desde que Diogo Cão descobriu a velha Angra das Aldeias até ao início da ocupação efectiva das terras desertas do sul de Angola; porém, chegado

o momento da arrancada, todas as dificuldades foram vencidas, mercê da persistência e tenacidade tão características do povo português.

Foi em 1860 que, atraídos pela piscosidade das águas do Sul de Angola, grupos de decididos, tenazes e abnegados algarvios iniciaram a ocupação efectiva daquele rincão de Portugal e, em gesta que, sem exagero, podemos apelidar de heroica, venceram a dureza e a desolação do terreno, souberam dominar a fome, a sede e o isolamento e suportaram estoicamente a ausência total de um mínimo de conforto.

Nasceram rudimentares habitações, os ventos e areias foram sendo dominados. Rodaram os tempos e com estes se foi acentuando a vitória do homem sobre o deserto, em obra notável de que se destaca uma extensa cortina verde, iniciada há 37 anos e que conta actualmente com cerca de 300 000 casuarinas.

Quebrada a violência dos ventos predominantes e sustidas as areias que tudo soterravam, a velha Angra das Aldeias, que desde 1835 passou a ser designada por Porto Alexandre, voltou-se para o futuro e cresceu. Cresceu em extensão e formosura e surge hoje aos nossos olhos como uma linda cidade dotada de todos os requisitos modernos, verdadeiro milagre de dinamismo e força de vontade, obra transcendente iniciada por portugueses de «antes quebrar que torcer», continuada por sucessivas gerações de igual têmpera que ainda hoje se mantêm, alardeando ao mundo as altas qualidades dum povo de vontade inquebrantável.

Mas, feito este pequeno apanhado da história de Porto Alexandre, modesta homenagem aos seus fundadores e continuadores, voltemos ao nosso episódio. Passou-se ele poucos anos após a chegada dos pioneiros da colonização, em data exacta desconhecida, que se pode, sem receio de grande erro, situar no período 1865-1870.

Foi a partir de 1860 que experimentados homens do mar, algarvios, utilizando os já desaparecidos caíques olhanenses – embarcações à vela, de pano bastardo triangular, com cerca de 14 metros de comprimento e 4 metros de boca – decidiram deixar as suas terras e enfrentar o Oceano Atlântico com destino ao Sul de Angola, muitos deles acompanhados por velhos, mulheres e crianças, membros de suas famílias.

Num desses caíques chegou a Porto Alexandre, em 1860, a família CRUZ ROLÃO, donde sairia a heroína da nossa história, MARIA DA CRUZ ROLÃO, que deixou bem vinculado àquela localidade o seu prestigioso nome.

MARIA DA CRUZ ROLÃO era possuidora duma energia, determinação e coragem muito fora do vulgar e tinha alguma cultura, qualidades reconhecidas por todos os colonos que, por decisão unânime, a elegerem sua primeira autoridade civil, nela depositando uma confiança que nunca desmereceu.

Variadas foram as oportunidades em que MARIA DA CRUZ ROLÃO, sentindo a responsabilidade do cargo em que fora investida, defendeu com ardor a comunidade que chefiava, patenteando as suas altas qualidades. Foi numa destas ocasiões, em defesa da sua gente e da soberania nacional, que o carácter de MARIA DA CRUZ ROLÃO mais uma vez se evidenciou impondo a saída das nossas águas territoriais a um navio de guerra inglês. Em data que não ficou registada, fundeara na baía de Porto Alexandre uma unidade naval inglesa. Pouco depois da chegada, o seu comandante, esquecendo-se que estava em águas duma nação estrangeira e das deferências devidas e inerentes a essa situação, deu início, inesperadamente, a exercícios de tiro, utilizando por alvo as areias da restinga. Muitos projécteis iam cair do outro lado, no mar, onde os nossos pescadores se encontravam na faina quotidiana. Cientes da situação, receosos que os projécteis atingissem os seus pais, maridos e filhos e indignadas contra tão grande falta de cortezia e respeito, as mulheres, em cortejo, acompanhadas das crianças, acorreram a casa da regedora e pediram-lhe que interviesse no sentido de acabar com tamanho abuso do navio estrangeiro.

MARIA DA CRUZ ROLÃO não hesitou; mandou içar a Bandeira Nacional num tosco mastro que tinha à sua porta, meteu-se num bote e dirigiu-se para bordo do navio inglês.

Ali chegada, punhos cerrados, gesticulando, intimou o comandante inglês a acabar imediatamente com o exercício e a abandonar as nossas águas. O oficial inglês não precisou compreender o fraseado de MARIA DA CRUZ ROLÃO. Perante atitude tão enérgica, desassombrada e demonstrativa de justa indignação mandou imediatamente interromper o tiro, e suspendeu, deixando as águas de Porto Alexandre. Fora mais uma vez assegurada, neste caso por mão forte de mulher, a soberania nacional.

Já em tempos recuados a mulher portuguesa sabia impor a sua personalidade e presença na defesa e construção do nosso ultramar, onde foi e continua a ser pedra basilar, merecedora de toda a admiração e respeito.

Porto Alexandre, ao completar mais um ano da sua já mais que centenária existência, prestou justa homenagem a MARIA DA CRUZ ROLÃO, erigindo-lhe uma estátua.

NOTA: *Este artigo foi elaborado com base em elementos colhidos nas obras «Entre Dunas e o Mar», da autoria de Cecílio Moreira, e «Caíques do Algarve no Sul de Angola», da autoria de Alberto Iria.*

*Moçâmedes, Janeiro de 1974.*
*F. Medeiros e Câmara*
*Cap.-frag.*

# SAUDADES DA PÁTRIA

**Por capricho do destino, fui parar, a bordo de um dos nossos navios de guerra, ao porto de Nawiliwili, da ilha de Kauai, do arquipélago Havaiano. Isto passou-se em 1942, durante a II Guerra Mundial, a poucos meses do traiçoeiro ataque japonês a Pearl Harbour e quando se deu a Batalha Naval de Midway.**

**Com certo espanto meu e minha ignorância no assunto, fomos encontrar a ilha cheia de portugueses e seus descendentes, que se entregavam à plantação do ananás. Era a maior colónia existente depois da japonesa. Esta entregava-se às fainas da pesca, pois, apesar da guerra, os americanos somente prenderam uns tantos elementos-chaves, deixando a maioria na produtividade das suas ocupações. Seguiam-se os havaianos, a declinar em número e vitalidade e, finalmente, americanos que, praticamente, se reduziam a dirigentes e funcionários administrativos.**

**A colónia portuguesa, a maioria de origem açoriana, estava na primeira e segunda gerações, isto é, gente que, no primeiro caso, sabia português mas não conhecia Portugal e, no segundo caso, nem conhecia Portugal nem falava português, sendo-lhe contudo familiar a língua dos seus avós.**

**Não se calcula a romagem de saudade de que foi alvo o navio e atenções dispensadas à guarnição, onde o exemplo de antecipação de um casamento, para que pudéssemos assistir, põe em evidência o grau atingido nesses sentimentalismos. Impressionava e, ainda mais, se se notar e sentir que tudo estava ligado profundamente ao amor a Portugal que seus avós souberam transmitir a seus filhos e netos, pois estes já nada tinham de comum com o país de origem que lhes motivasse a constância de sentimentos.**

**Um dia estava de serviço, já ao fim da tarde, depois de todos os que podiam terem ido para terra confraternizar com a população, reparei, no cais onde o navio estava atracado, na presença de um homem, aí dos seus quarenta anos, tendo junto de si uns dois rapazes de idades próximas dos dez.**

**O homem olhava a nossa Bandeira, que ondulava imponente, impelida pela suave brisa da tarde, com expressão de infinito enlevo.**

**Resolvi meter conversa.**

**– Então, são tudo saudades? – perguntei para começar.**

**– Ah, se os senhores têm vindo dois meses antes, tinham dado a maior alegria ao meu velho. Morreu com um único desgosto: não ter tornado a ver a sua Bandeira.**

**Todo eu fiquei suspenso de comoção.**

**A felicidade de um português emigrado, na hora da morte, resumia-se em ver, pela última vez, a sua Bandeira... Não havia dúvida... eu pertencia a um grande povo.**

**Valia a pena servi-lo.**

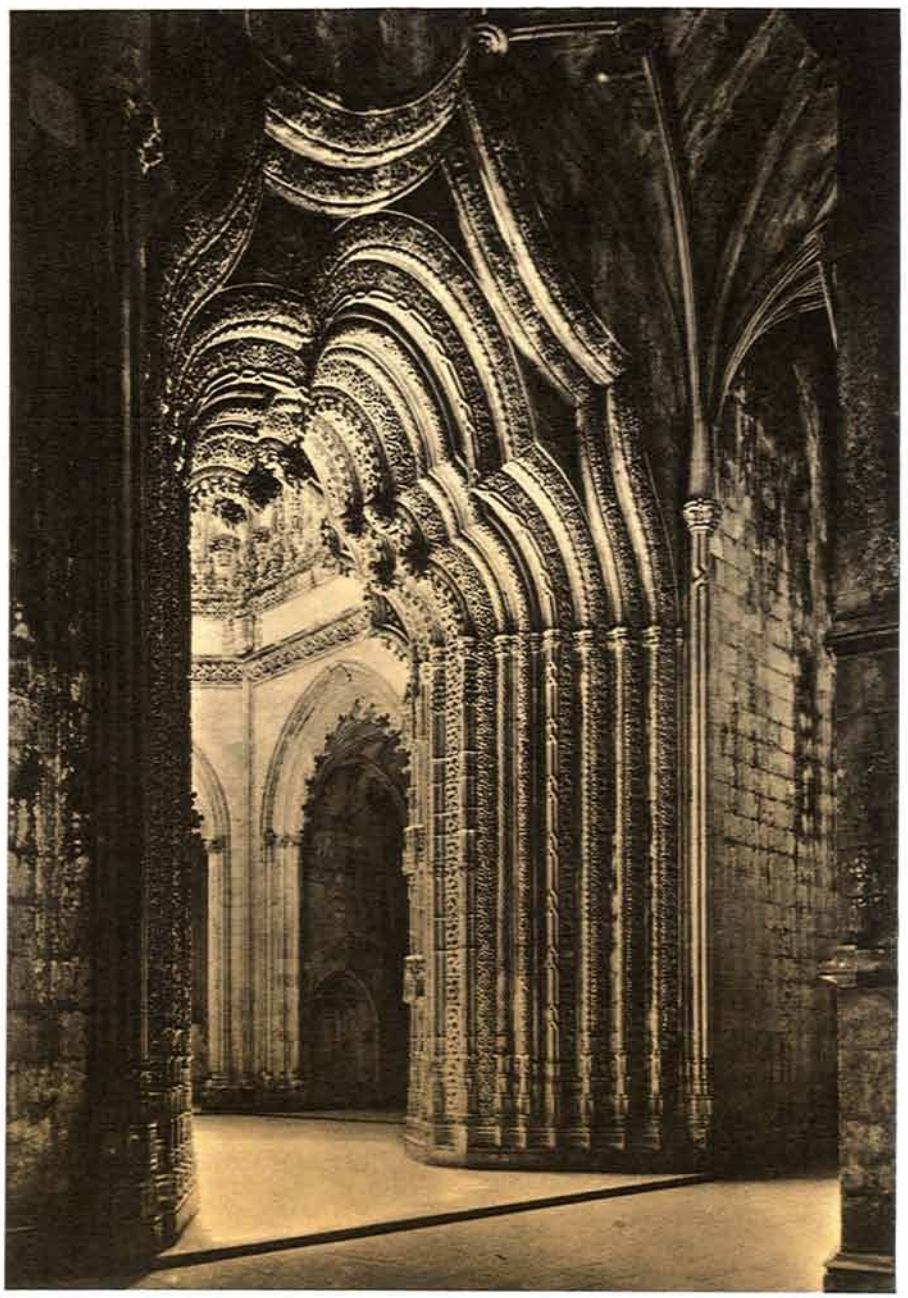
*Capt. Zuzara*

*(Foto do com. Raul Eduardo Ribeiro)*

# O MANUELINO

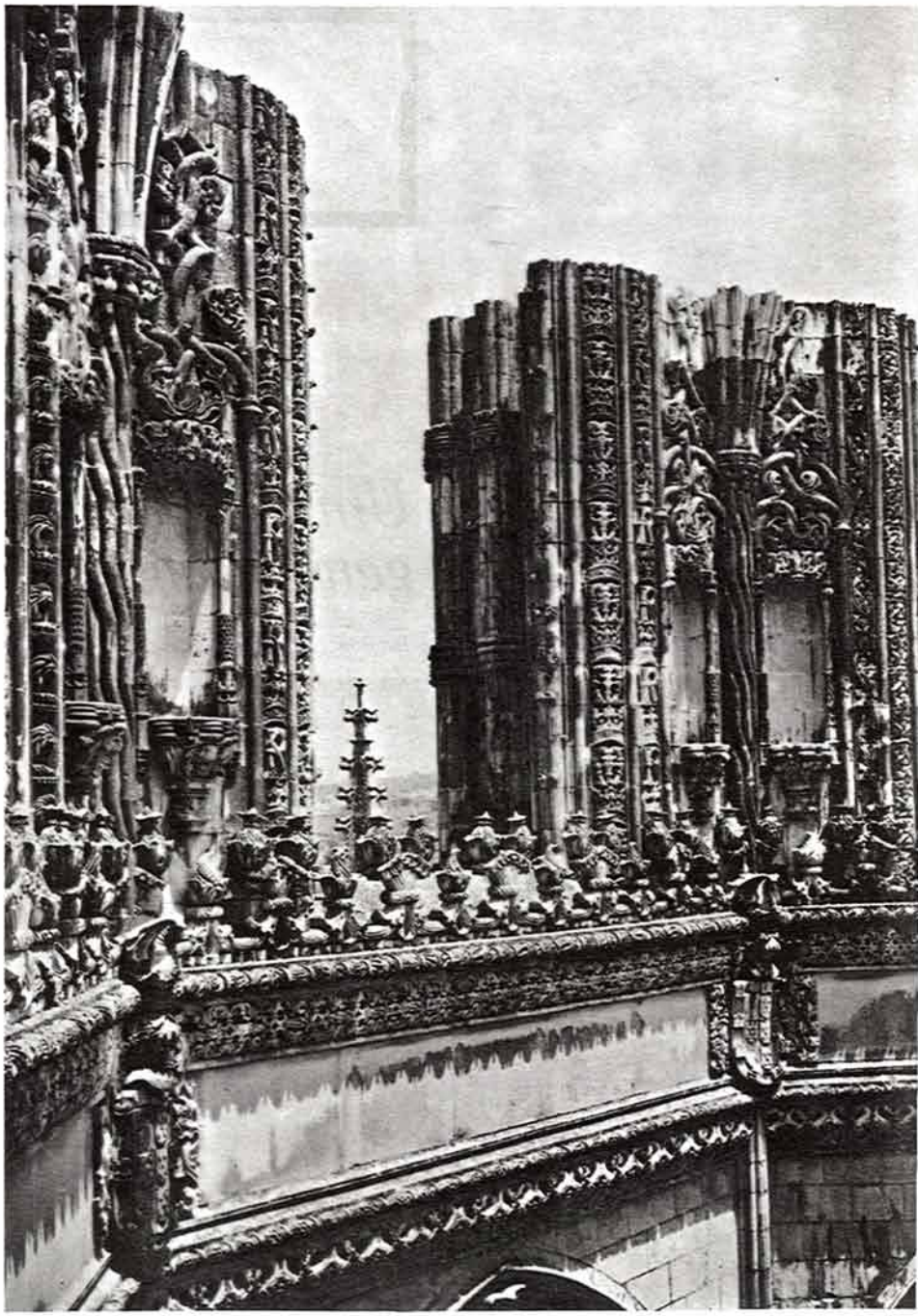
## *Um estilo arquitectónico genuinamente português*

*Portal monumental da rotunda de D. Duarte. Batalha.*



A arquitectura, que é a arte colectiva por excelência, tem reflectido, ao longo da história dos povos, as suas épocas de grandeza e declínio. A cada surto de desenvolvimento e de civilização corresponde um esplendor de obras monumentais como tradução de capacidade realizadora e de opulência. Natural seria portanto que, a uma época tão significativa para a nação portuguesa como foi a das Descobertas, correspondesse um tipo de arquitectura que reflectisse presisamente essa maré alta de grandeza nacional. Desde D. João II que tende a afirmar-se um tipo de decoração arquitectónica específica que veio depois a florescer de forma magnífica e grandiosa no reinado de D. Manuel I. É o conhecido estilo Manuelino. Ele ficou a atestar, em múltiplos monumentos, essa época culminante da civilização portuguesa. Os contactos com a arte mulçumana e principalmente com o Médio e Extremo Oriente possibilitaram aos arquitectos portugueses um estudo comparativo de realizações arquitectónicas e temas decorativos que lhes haveria de sugestionar a imaginação. Efectivamente, muito antes de D. Manuel, já se podia seguir, no Mosteiro da Batalha, a génese de um estilo que gradualmente se iria afastando do gótico tradicional. Assim, na rotunda de D. Duarte, Mateus Fernandes, inicia um tipo de decoração que nos faz lembrar o cinzelado exaustivo dos templos maiores da Índia e

*Capelas Imperfeitas. Batalha.*

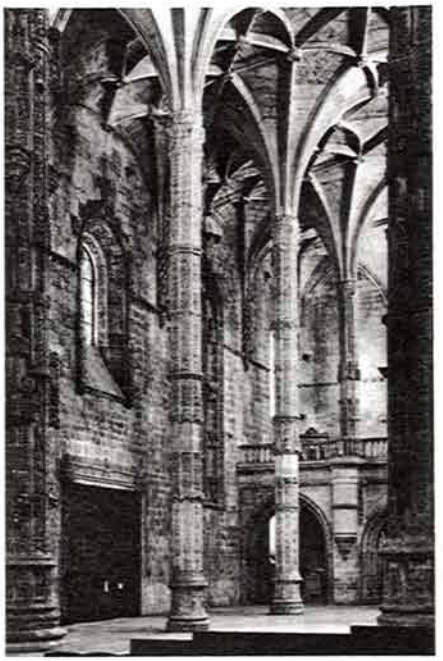


do Sião. Na verdade, o portal da rotunda é uma obra singular pelo que tem de monumental e de decorativo. Colunas, tabelas e arcos são totalmente lavrados com motivos diferentes de coluna para coluna, aliando desenhos geométricos a temas naturalistas. A divisa de D. Duarte, por exemplo, repetida centenas de vezes ao longo de uma tabela e do respectivo arco, serve, ainda que estranho pareça, de figura decorativa. Ao passarmos ao claustro real e às capelas imperfeitas, damo-nos conta de um novo tipo de decoração, mais túrgida, com profusão de torcidos e usando temas vegetais como a alcachofra, a maçaroca, o estriado do cardo, etc. É o esplendor vicejante da arte de Boitaca – arquitecto dos Jerónimos – que deixou na Batalha e em muitos outros monumentos o cunho pessoal da sua arte.

Boitaca iniciou a sua carreira de arquitecto com a igreja de Jesus, em Setúbal. Ali deparamos com a sua invenção das colunas em forma de cabo de três cordões que foram adoptadas noutras igrejas e em muitos claustros. Boitaca foi, com João de Castilho, arquitecto dos Jerónimos.

A igreja evidencia um novo conceito arquitectónico que permite o afilamento e aligeiramento das colunas e o abandono dos pesados pilares que se vêem nas catedrais românicas e nos templos góticos de Alcobaça e da Batalha. Com colunas tão esguias e espaçadas, quase se não dá pela separação entre as naves e a igreja surge-nos como um vasto e amplo recinto onde paira uma abóbada única, de nervuras, da qual julgamos que pendem estalactites. De facto, as colunas parecem mais suspensas do que sustentáculo das abóbadas. A profusa decoração que nelas se recorta, mais

*Nave da igeja de Jesus. Setúbal.*



*Nave dos Jerónimos.*

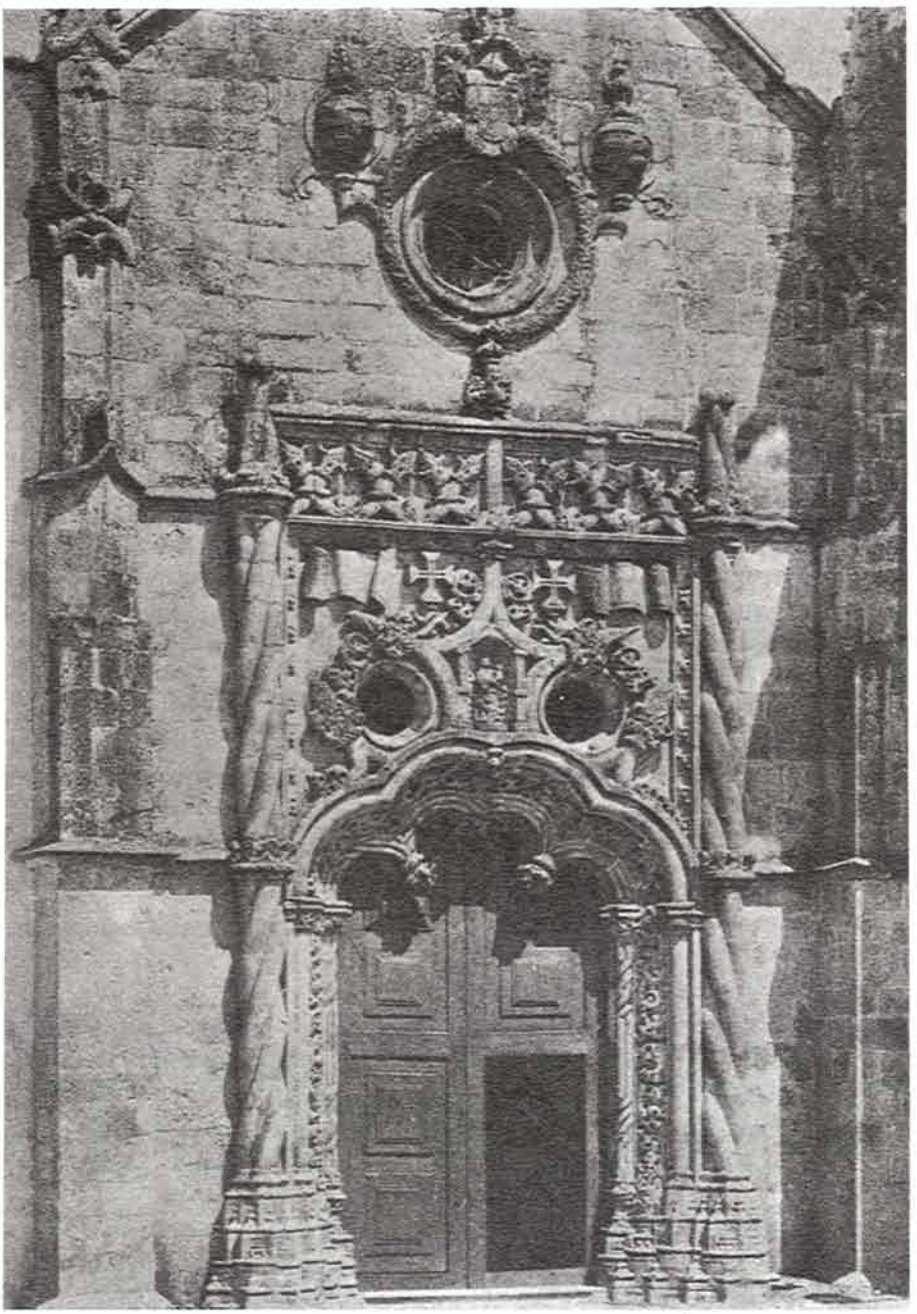
Charola (que é da época românica dos Templários) vem acabar nessa célebre janela da sacristia que ficou como ex-libris do manuelino e peça obrigatória em todos os compêndios onde se fala neste estilo. Aqui, o ritmo é nervoso e agitado; os motivos decorativos sucedem-se, interrompem-se, imbricam-se, numa vibração ímpar, onde os cabos, os nós, as redes, as boias, os olhais, as conchas e os corais são como o eco desse esplendor marítimo que fez grande a Nação.

Atribuída a Francisco Arruda, a Torre de Belém é outra jóia manuelina a tender já para essa variante do estilo,

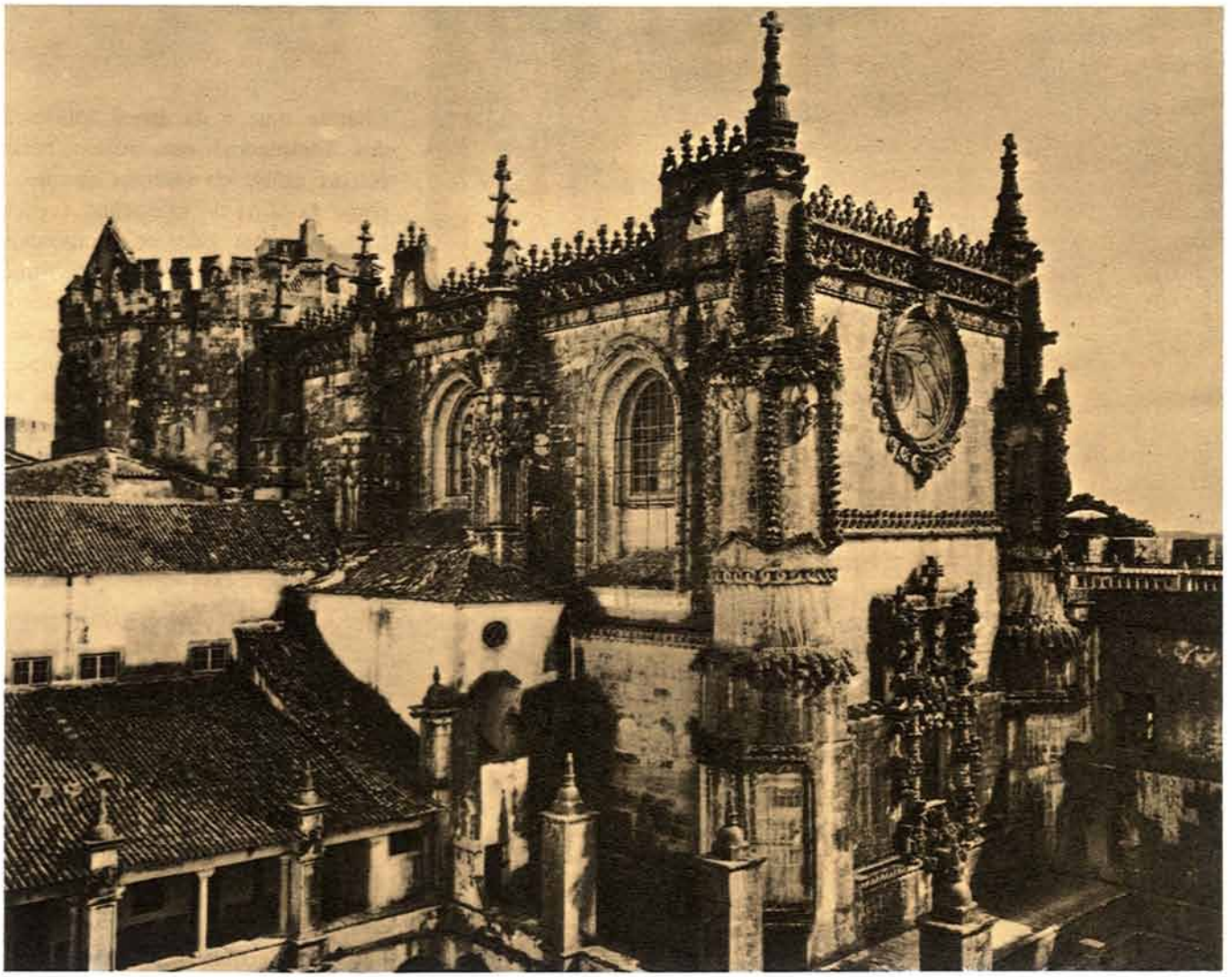
lhes aligeira o diâmetro e empresta ao interior uma sensação de gruta. Alguém disse um dia, ao visitar a igreja, que o templo parecia ter estado submerso e que, ao retirar-se o mar, teria deixado pelas colunas e janelas incrustações de miríades de animais marinhos.

Os Jerónimos são o monumento manuelino por excelência, mas outras obras há que, embora menores, não são menos puras no estilo que evidenciam. É o caso, por exemplo, da igreja da Golegã, devida a Boitaca e cuja fachada é do mais puro manuelino que se conhece. Dois gigantes em forma de cabo torcido e porta com arco trilobado; ao alto um friso de alcachofras lembrando o das Capelas Imperfeitas; um pequeno nicho no alfiz, ladeado por dois óculos e duas cruzes de Cristo, vendo-se as características maçarocas nos remates; mais acima, uma rosácea sobrepujada por um escudo e ladeada por esferas armilares.

Outros arquitectos vieram dar grandeza e variedade ao estilo manuelino. Dentre eles destacam-se os Arrudas – Diogo e Francisco – que deixaram a sua arte espalhada por inúmeros templos e palácios, sobretudo no Alentejo. Da autoria de Diogo Arruda é a nave manuelina do Convento de Cristo em Tomar que, irrompendo da



*Fachada da igreja da Golegã.*



*Exterior da nave manuelina do Convento de Cristo. Tomar.*

arabisante, que é o «mudèjarismo», com balcões de arcos geminados em ferraduras (ajimeces) e colunas andaluzas (tanto ao gosto de D. Manuel I após a sua visita a Granada) e cúpulas de gomos, de evocação oriental. Esta feição «mudèjar» do estilo vê-se com insistência na arquitectura civil em que palácios como o de Sintra, Évora e outros o adoptam.

*O. Lemos*
*Cap.-frag.*

# notícias pessoais

## *CASAMENTOS*

Subtenente RN AN José Manuel Delgado Félix Ribeiro com D. Maria Manuela Carreira Ramos, em 5-12-73.

Aspirante RN António José de Morais Tavares Pires com D. Maria Cândida Silva Mendes de Vasconcelos, em 7-12-73.

Aspirante RN AN João Manuel Rodrigues Pestana Teixeira com D. Maria Manuela Gonçalves Marques, em 15-12-73.

Aspirante RN FZ Alberto Catarino Mateus com D. Maria Giselda Ormonde de Sousa, em 22-12-73.

1.º-sarg. L RA João Miguel Sequeira com D. Maria Adelaide Rodrigues Lopes, em 23-12-73.

2.º-sarg. ARE António Augusto Cipriano com D. Maria da Boa-Hora Martins dos Santos, em 5-1-74.

1530/68/C. H João Manuel Santos Araújo com D. Maria de Fátima Ferreira da Silva, em 29-12-73.

1999/71/Mar. CM José Francisco Romba Fernandes com D. Maria Miquelina Emídio, em 22-12-73.

711/72/1.º-gr. FZ António Albino Simões com D. Maria Júlia da Silva Pereira, em 1-12-73.

1515/72/2.º-gr. T António da Silva Machado com D. Ana Delfina de Morais, em 22-12-73.

1608/73/2.º-gr. L José Jesus Paulino da Costa com D. Maria Emília Aguiar Belesa, em 17-11-73.

## *PASSAGENS À RESERVA*

1.º-sarg. C José Maria Rebelo, em 27-12-73.
1.º-sarg. A José Augusto, em 7-12-73.
1.º-sarg. ARE Duarte Francisco Guerreiro, em 31-12-73 (Res. Ab)
1.º-sarg. ACM Sebastião Pereira Mesquita, em 5-1-74 (Res. Ab)
1.º-sarg. H João Leitão Rodrigues, em 2-1-74 (Res. Ab)
2.º-sarg. ACM Mário Graça Rodrigues, em 5-4-74 (Res. Ab)
717/C. CM José Maria Rebelo, em 27-12-73.
3217/C. CM António Manuel Cerejo, em 5-1-74 (Res. Ab)
6360/C. L Salvador José da Silva, em 3-1-74 (Res. Ab)
1977/65/Mar. TFD Francisco Ramalho Bexiga, em 5-1-74 (Res. Ab)

## *APOSENTAÇÕES*

Em 31-1-74:
Júlio Berthier do Carmo, mestre de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.
António Luís Morgado, servente de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.

## *FALECIMENTOS*

1.º-ten. SG RF Manuel Alexandre Tomé, em 11-1-74.
2.º-sarg. A José Luís da Silva, em 19-1-74.
576/C. T RA António Sérgio da Silva, em 13-12-73.
1012/C. M RA Damião Lagarto, em 20-12-73.
1877/C. A RA Manuel João, em 16-1-84.
Manuel Resende Júnior, fotógrafo de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.

---

# ALGUMAS REGRAS DE SALVAMENTO E SOBREVIVÊNCIA PARA NÁUFRAGOS

# saibam todos

**Que** todos os que andam no mar estão. infelizmente, sujeitos a ver um dia o seu navio ir ao fundo. Por isso, devemos ter bem presentes as seguintes regras, essenciais para sobreviver em tais casos:

Os náufragos nunca devem perder a esperança de salvamento. A experiência mostra que quase sempre são encontrados, sobretudo se se mantiverem nos salva-vidas e jangadas. A presença de espírito, para eles, é pois tão importante como a própria resistência física.

## *ABANDONO DO NAVIO*

**Que** além das medidas que estão previstas a bordo de todos os navios, fazemos mais as seguintes recomendações de ordem geral:

1 – O pessoal que abandona um navio com tempo frio deve, se lhe for possível, vestir roupas bem quentes e usar calçado. Assim se manterão mais protegidos do vento, da chuva e dos borrifos de água.

2 – Quem salta do navio para a água, deve fazê-lo sempre de pé, juntando bem as pernas. Nunca deve saltar de mergulho. Quando se usam coletes salva-vidas, não se deve saltar de alto porque, com o impacto na água, o colete pode deslocar-se violentamente para cima e causar fractura de pescoço.

3 – Logo que cai na água, o náufrago deve afastar-se, para não ser «sugado» quando o navio vai ao fundo ou ser ferido pelos destroços que convergem ao local, devido ao redemoinho provocado pelo afundamento.

4 – Os náufragos devem evitar o óleo derramado nadando por baixo dele, ou através dele com a cabeça bem fora e a boca fechada.

5 – Para recolher num salva-vidas ou jangada um homem ferido ou exausto, que esteja na água, deve voltar-se de costas para a embarcação, passar-lhe os braços por baixo das axilas à volta do peito, e içá-lo depois para bordo.

## *SOBREVIVÊNCIA À DERIVA*

**Que** 1 – Os salva-vidas, jangadas e náufragos na água devem conservar-se sempre juntos, se o tempo o permitir. Além de se encorajarem mutuamente, serão mais facilmente detectados.

2 – Salvo circunstâncias especiais, a experiência tem mostrado que os náufragos se devem manter nas proximidades da zona do afundamento, para facilitar as operações de busca.

3 – Com tempo quente, é essencial não se exporem ao sol e conservarem-se tão frescos quanto possível; com tempo frio, além de roupa e calçado, os náufragos devem ainda aconchegar-se uns aos outros para manter o calor. Devem também fazer exercícios para activar a circulação. Tanto com frio como com calor, o uso apropriado de encerados pode dar conveniente protecção.

4 – As principais causas da morte dos náufragos são:

a – Demasiada exposição ao frio;
b – desidratação devida à falta de água potável;
c – beber água do mar.

Todas estas coisas devem ser rigorosamente evitadas.

5 – Uma pessoa pode viver sem alimentos durante bastante tempo, mas não sem beber água, da qual necessita 0,5 litro por dia pelo menos. Por isso, a água da chuva deve ser cuidadosamente recolhida para reserva. Se houver pouca água potável quando se abandona o navio, pode deixar de ser distribuída no primeiro dia, sem consequências graves. As rações de alimentos devem ser espaçadas quanto possível, e nas primeiras vinte e quatro horas não deve ser servida nenhuma.

6 – Não se deve usar água do mar, nem mesmo para lavar a boca, pois isso aumenta a sede.

7 – A fim de não perderem energias, os náufragos só devem remar para se afastarem do navio, evitar qualquer perigo, aproveitar um aguaceiro ou varar na praia.

8 – Se dispuserem de corantes devem lançá-los à água de vez em quando para auxiliar a localização. Os pirotécnicos só devem ser gastos com navio ou avião à vista.

## *PRECAUÇÕES CONTRA TUBARÕES E OUTROS PEIXES PERIGOSOS*

**Que** em caso de ataque de tubarões, barracudas ou outros animais marinhos perigosos, devem ser observadas as seguintes regras:

1 – Não deixar nada pendurado das embarcações salva-vidas. Meter tudo dentro.

2 – Não mergulhar braços, pernas ou objectos brilhantes na água, nem deitar ao mar sangue, hortaliças, etc.

3 – Se houver produtos repelentes, usá-los quando os animais estiverem mais próximos.

4 – Os náufragos que estiverem na água, devem:

a – Manter-se estáticos quanto possível, movendo-se apenas para manter o animal sob a vista;

b – se tiver de nadar, fazê-lo com braçadas ritmadas e não dar pancadas na água;

c – os náufragos em grupo devem formar em círculo cerrado, costas com costas e virados para fora.

## *DESEMBARQUE E SOBREVIVÊNCIA EM TERRA*

**Que** o desembarque na praia com rebentação é uma operação muito arriscada, mesmo para homens experientes. Por isso devem ser observadas as seguintes regras:

1 – Permanecer fora da rebentação até estar preparado para correr com a vaga.

2 – Se houver possibilidade de auxílio de terra deve aguardar-se que ele seja prestado.

3 – Aproar a embarcação ao mar para evitar que embarque água, se atravesse e se volte. Usar uma fateixa para a manter aproada.

4 – De noite, pode avaliar-se o tamanho da rebentação olhando a fosferecência na crista das vagas.

**Que** quanto à sobrevivência em terra, deve-se:

1 – Quando se desembarca numa praia, escrever na areia as letras S O S em tamanho adequado para se verem do ar. Devem ser içadas roupas, encerados ou velas em locais visíveis do mar e do ar e acender fogueiras.

2 – Procurar água potável e aproveitar a da chuva se necessário.

3 – Nos trópicos, os náufragos devem acampar numa encosta e a barlavento da vegetação para reduzir o incómodo dos insectos. Não se deve acampar debaixo de coqueiros ou próximo de vegetação com troncos corroídos, porque abrigam muitos insectos e até cobras venenosas.

*Compilado pelo com. M. do Vale dum trabalho da FAO, ILO e IMCO.*

# *Estarão os pais ensinando os filhos a serem violentos?*

Quem olhar atentamente para as crianças que brincam nas ruas tem forçosamente de reparar que a maior parte delas se entretem com brinquedos bélicos, e ninguém poderá negar – independentemente do que elas vêem na televisão ou nas histórias de quadradinhos – que os maiores culpados são os pais, porque são eles os principais educadores dos seus filhos.

Quantos pais não há que se entretêm a brincar com os filhos simulando que morrem, quando estes fingem que lhes dão um tiro ou uma rajada de metralhadora!

«Puxa o gatilho», diz o pai, e um forte estampido faz-se ouvir na sala.

Que se passará no subconsciente desta criança?

Pensará que está a beijar o pai?

E é com grande orgulho que ele, depois, se gaba aos vizinhos que o filho é muito esperto, pois já consegue matar toda a família e sacar do revólver com grande rapidez, à boa maneira do Far-West.

E dominando todo este quadro, há o aparelho de televisão na sala.

Presas à televisão, mal começam a andar, as crianças recebem um treino intensivo em todas as facetas do crime, com as séries sempre crescentes de filmes de violência, que, dizem os produtores, são para divertimento.

Não poderá haver maior contraste com o que se passa na quadra do Natal, altura em que mais brinquedos se oferecem às crianças. Como se pode compreender que, sendo a data comemorativa do nascimento dum SER infinitamente BOM, os pais dêem aos seus descendentes brinquedos cópias fiéis daqueles que tantos horrores têm causado à Humanidade?

E o resultado está à vista, no número sempre crescente de crimes praticados por jovens, sem que haja qualquer razão. Delitos cometidos por puro prazer: roubos de automóveis, partir-lhes os vidros ou cortar-lhes os pneus, assaltos, raptos, bater em anciães e até matar, passaram a fazer parte da vida de todos os dias.

– Então não foi isto que nos ensinaram?

– Não é esta a moda?

E o aspecto mais lamentável é que toda a gente se vai habituando a este clima de violência, não mais o notando, clima este que está deturpando as mais elementares regras de civismo, e transformando a sociedade em que vivemos numa autêntica selva.

Todos os pais deviam dar à infância dos seus filhos a maior das importâncias, porque ela é o momento mais breve e belo da nossa existência; é a altura em que as coisas acontecem pela primeira vez. O que se aprende nessa ocasião marca-nos para sempre. Por isso mesmo, devia dar-se à criança, nesse precioso momento, a imagem dum mundo fresco e belo, em cada segundo que passasse.

Os jovens de hoje recebem pouca ou nenhuma orientação da fonte que poderia ser a experiência dos pais. Pode apoderar-se deles um sentimento de hostilidade, que acrescido do ambiente de violência que os rodeia, lhes pode criar enormes problemas com os educadores e com todas as formas de autoridade. Estes, têm fortes probabilidades de enveredar pelo crime. Os outros, os que não sigam este caminho, o clima que gira à sua volta, afecta-os de outro modo. Adquirem uma sensibilidade artificial, fugindo deste modo à tensão emocional, provocada por esse mesmo ambiente. Se não o fizessem, seriam esmagados pelas suas próprias emoções. Assim, mantêm-se frios e insensíveis, donde irá nascer, infalivelmente, o tédio.

As pessoas sensatas de todo o mundo, cada vez se precocupam mais com este assunto, e as suas perguntas, cada vez mais dramáticas, repetem-se a cada momento: Será que o homem é um ser ainda imperfeito, e que, em matéria de bom senso pouco mais adiantou desde o tempo em que apareceu o mundo?

O homem estará a progredir, ou pelo contrário, a destruir-se a si mesmo?

Que poderá acontecer a uma geração de crianças, educadas com a ideia de que a violência é uma forma de divertimento?

Talvez as cobaias de hoje possam responder amanhã.

*Pompílio Filipe*
*1.º-sarg. A*

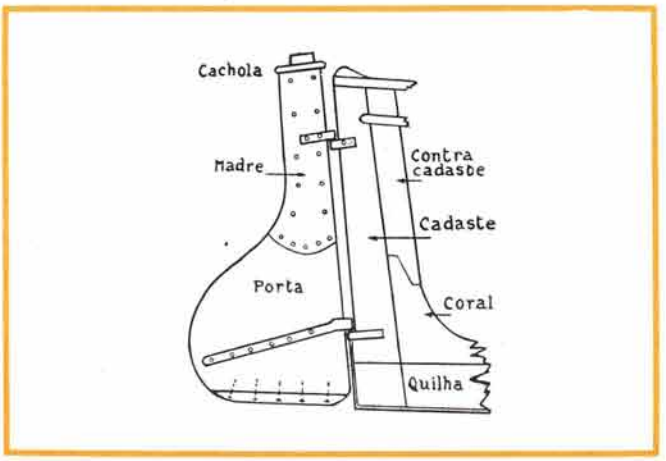
# Terminologia Naval

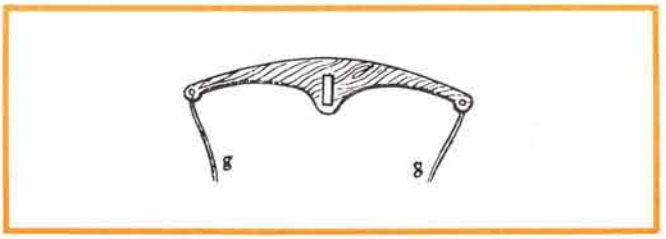
**BUSSARDAS** – Peças curvas, de ferro ou madeira que ligam os costados um ao outro nas extremidades de vante e de ré; consolidando transversalmente as extremidades do casco, permitem que este resista aos esforços devidos ao embate das ondas, colisões, trabalho do hélice e manobra do leme. As bussardas de proa são instaladas normalmente à sobrequilha, cavilhadas para os forros através das balizas; as bussardas das cobertas colocam-se à altura dos vaus, ligando os lados interiores do casco assentando sobre elas os cantos do tabuado das cobertas.

**BUZINAS** – Aberturas nas amuras e alhetas dos navios, destinadas a dar passagem a cabos para o exterior.

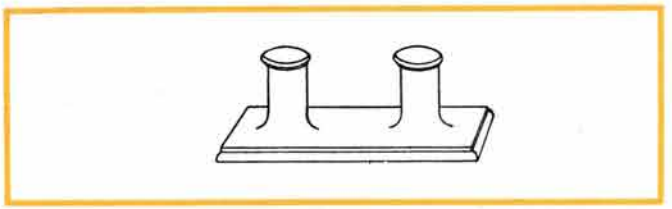
**CABACEIRA** – Diz-se de uma embarcação de pouco calado e borda alta.

**CABEÇA DO LEME** – Parte superior da madre do leme onde existe uma clara (abertura) ou uma mecha (espiga) para receber a cana do leme; por vezes usa-se, em vez da cana do leme, uma meia-lua com gualdropes. À cabeça do leme chama-se também cachola.



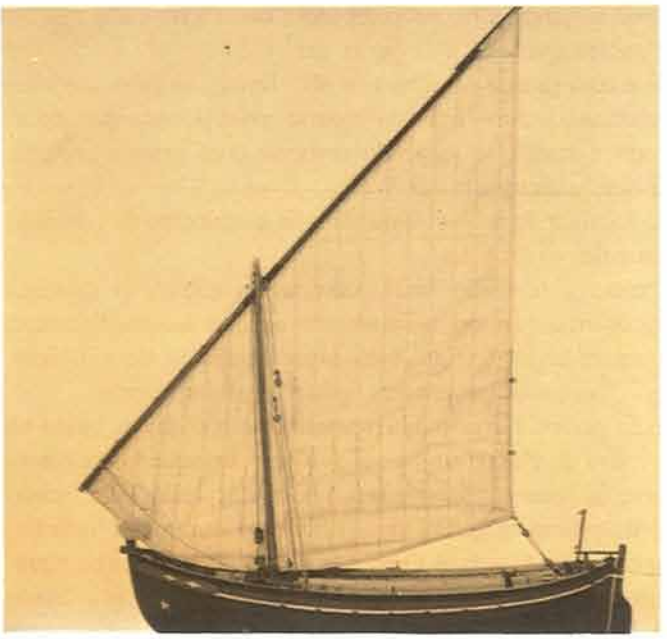



**CABEÇOS** – Fortes peças de ferro verticais cuja base é solidamente cavilhada para o convés e vaus, a bordo, ou para o pavimento do cais, em terra, servindo para dar volta aos cabos de força ou espias. Podem ser singelos quando se compõem de um só cabeço ou duplos quando se trata de dois cabeços gémeos sobre uma base comum.



**CABEDELO** – Ponta baixa de areia situada na foz de um rio ou suas proximidades. Na costa ocidental de Portugal formam-se na margem esquerda da embocadura dos rios, avançando para o Norte. Podem citar-se os dos rios Minho, Douro e Tejo. O do rio Minho constitui o extremo Norte da costa portuguesa; tem, a pequena distância, uma ilhota com um forte.

**CABELEIRA** – Guarnição de pele, em geral de carneiro, na parte superior da roda de proa das embarcações latinas, destinada a proteger a vela do traquete ou bastardo único de roçaduras vivas no pano, resultantes do encontro com a roda de proa.



**CABO DAS ISCAS** – Designação atribuída ao cabo do rancho, cabo encarregado mensalmente do rancho da marinhagem.

**CABOS A FORA** – Posição do navio ou embarcação fora das águas costeiras; o contrário de cabos a dentro.

**CABO SOLTEIRO** – Cabo completamente livre, sem aplicação específica e pronto a ser utilizado em qualquer local.

*S. Elpídio*
*Cap.-frag. AN*

# FUTEBOL DE CINCO

*Uma das equipas da Direcção do Serviço de Armas Navais.*

Tem continuado a disputar-se o Campeonato de Futebol de Cinco, a que fizemos referência no número anterior. As várias dezenas de equipas concorrentes, agrupadas em séries de 5 ou 6 cada, têm, dentro destas, disputado inúmeros jogos, em regime de poule, com o fim de apurar os dois melhores classificados. Serão assim escolhidas 16 equipas, após o que, por fases eliminatórias se determinará a equipa vencedora a quem será atribuída uma taça. Os jogos já realizados, cerca de 80, têm-se desenrolado diariamente nos campos do C. E. F. A., de manhã e de tarde, e também em campos da Escola Naval e do Clube Desportivo do Alfeite.

*A equipa B da Escola de Fuzileiros, que disputa a série E.*

*Uma das equipas do Grupo n.º 1 de Escolas da Armada.*

O número de atletas movimentado, bem como o entusiasmo que esta iniciativa tem suscitado, creditam-na já como uma das realidades mais positivas da D. S. E. F.

Em meados de Janeiro, altura em que escrevemos estas linhas, eram as seguintes as equipas melhor classificadas dentro de cada série:

Série A – N. R. P. «Lajes» A e G. 2 E. A. D;
Série B – N. R. P. «S. Gabriel», Escola Naval A, C. S. D. M. M. A e Esq. de Submarinos C;
Série C – D. S. A. N. C, G. 1 E. A. B e N. R. P. «Alm. Gago Coutinho»;
Série D – Esq. de Subm. A e N. R. P. «Lajes» B;
Série E – G. 1 E. A. A e Escola de Fuzileiros B;
Série F – N. E. «Sagres» A (Já vencedora da série);
Série G – N. E. «Sagres» B, Esq. de Submarinos B e G. 1 E. A. C;
Série H – F. N. Cordoaria e N. R. P. «Ribeira Grande».

# TIRO

Realizou-se nos passados dias 21, 22 e 23 de Dezembro, no Campo de Tiro da Serra da Carregueira, a disputa do II Campeonato de Pistola e das Taças Ministro da Defesa Nacional, reservada às Forças Armadas e militarizadas, e Federação Portuguesa de Tiro, reservada a atiradores filiados na F. P. T. Disputou-se ainda a Taça Ministério da Marinha, destinada a atiradores da Armada, em espingarda de guerra, a 200 metros, e a que concorreram 7 equipas.
Indicamos abaixo as classificações obtidas pelos elementos da Armada, nas diversas provas:

**II Campeonato de Portugal de Pistola (57 atiradores)**

| | |
|---|---|
| 2.º – Cap.-ten. Melo Sampaio | 554 pontos |
| 4.º – 1.º-sarg. FZ Madail | 553 pontos |
| 12.º – Asp. Silva Paulino | 530 pontos |
| 17.º – Cad. Rasquilho Raposo | |
| 19.º – Asp. Prieto Alves | |
| 24.º – 1.º-ten. Trigo Allen | |

**Taça Ministro da Defesa Nacional (64 atiradores)**

| | |
|---|---|
| 2.º – 2.º-ten. Alvarenga Rua | C. E. F. A. A 352 p. |
| 3.º – 1.º-sarg. Madail | C. E. D. A. A 350 p. |
| 7.º – Asp. Lopes Antão | C. E. F. A. B 336 p. |
| 11.º – Cap.-ten. Melo Sampaio | C. E. F. A. A |
| 14.º – 1.º-ten. Trigo Allen | C. E. F. A. B |
| 22.º – Asp. Prieto Alves | C. E. F. A. B |
| 32.º – Cad. Dores Oliveira | E. N. |
| 43.º – Cad. Rasquilho Raposo | E. N. |
| 50.º – Asp. Silva Paulino | E. N. |

**Por equipas**

| | |
|---|---|
| 1.º – C. E. F. A. A | 1035 pontos |
| 8.º – C. E. F. A. B | 911 pontos |
| 9.º – Escola Naval | 911 pontos |

**Taça Federação Portuguesa de Tiro (26 atiradores)**

| | |
|---|---|
| 7.º – 1.º-ten. Trigo Allen | 339 pontos |
| 8.º – Asp. Silva Paulino | 335 pontos |
| 10.º – Cap.-ten. Melo Sampaio | 327 pontos |
| 12.º – Asp. Prieto Alves | |

**Taça Ministério da Marinha (21 atiradores)**

| | |
|---|---|
| 1.º – 1.º-sarg. FZ Damásio Silva | Esc. Fuz. A 199 p. |
| 2.º – 1.º-sarg. FZ Madail | Esc. Fuz. A 196 p. |
| 3.º – Asp. FZ RN Carlos Alves | Esc. Fuz. B 184 p. |

**Por equipas**

| | |
|---|---|
| 1.º – Escola de Fuzileiros A | 571 pontos |
| 2.º – Escola de Fuzileiros B | 490 pontos |
| 3.º – Escola de Fuzileiros C | 408 pontos |
| 4.º – Escola Naval B | 343 pontos |
| 5.º – Escola Naval A | 334 pontos |
| 6.º – D. S. A. N. B | 276 pontos |
| 7.º – D. S. A. N. A | 255 pontos |

# S. SILVESTRE EM PONTA DELGADA

Realizou-se no passado dia 31 de Dezembro em Ponta Delgada a X Corrida de S. Silvestre, organizada pela Associação dos Desportos local. Perante muito público, que acorreu às ruas do percurso, 29 atletas disputaram a prova, agrupados em diversas equipas. As unidades da Armada, estacionadas nos Açores, fizeram-se representar por uma equipa – a equipa da Marinha –, que veio a terminar como brilhante vencedora.
Dentre os dez melhores classificados, destacamos os cinco pertencentes à equipa da Marinha:

| | |
|---|---|
| 1.º – José Figueira | 10 m |
| 3.º – Joaquim Travassos | 10 m 17 s |
| 6.º – Eleutério Rosado | 10 m 36 s |
| 7.º – António Antunes | 10 m 45 s |
| 8.º – Raul Ricardo | 10 m 47 s |

Por equipas, a Marinha obteve também o 1.º lugar, classificando-se em 2.º e 3.º lugar respectivamente o Clube Desportivo Santa Clara e o Micaelense Futebol Clube. De realçar que já no ano transacto a equipa do N. R. P. «S. Nicolau» havia ganho esta prova.

*(Colaboração do Comando N. dos Açores)*

# ACTIVIDADES DO C. N. O. C. A.

Indicamos um resumo das actividades das diversas secções desportivas do C. N. O. C. A.:

### BASQUETEBOL

Está em curso a disputa do Campeonato Regional da III Divisão, 1.ª categoria, em 3 voltas. Nas duas voltas já disputadas a equipa do C. N. O. C. A. obteve uma vitória e cinco derrotas.

### VOLEIBOL

Terminou já o torneio da II Divisão, classificando-se o C. N. O. C. A. em 2.º lugar, logo após o Costa do Sol.

### ANDEBOL

A equipa representativa do Clube tem treinado com vista à disputa do Campeonato Regional da II Divisão, zona de Lisboa, a iniciar em breve.

### RÂGUEBI

Está em curso o Campeonato Nacional de II Divisão, abrangendo dez equipas e em duas voltas. A equipa do C. N. O. C. A. está prestes a terminar a 1.ª volta, tendo, nos 8 jogos realizados, averbado 4 vitórias e 4 derrotas, das quais uma por falta de comparência.

*A. Fonseca*
*1.º-tenente*

## voz da abita

*Acerca do artigo em que se evoca a morte do cabo M Jorge António Pereira, publicado no n.º 27 da nossa Revista, recebemos uma carta de seu filho Licínio Pereira, de que transcrevemos:*

«Atouguia da Baleia, 5 de Janeiro de 1974.
«Senhor Comandante:
«Li há dias na «Revista da Armada» o seu artigo «Evocação». Fiquei, eu e os meus, bastante comovido com a simplicidade e clareza com que definiu o meu pai.
«Sou o seu filho mais velho. Sinto orgulho em o ser. Como tal, resolvi agradecer a maneira como o senhor Comandante elogiou aquele que nós – filhos e mulher – tanto amámos e havemos de, ao longo dos tempos, admirar.
«O meu pai deu 24 anos à Armada, sua segunda família, e, além disso, deu-lhe também a vida, deixando-nos a nós também ligados a ela por boas e más recordações, como foi a da sua morte.
«O meu pai tinha aspecto duro e rude, mas tinha muito de bom com ele, como seja a bondade. Era bom e tinha o condão de fazer amigos (...).
«Mas morreu. E quando o senhor pergunta, ou melhor, diz que não sabe como foi nem onde foi, admira-me, pois morreu na Guiné, a bordo da «LDM-113», quando sofreu uma emboscada no rio Cacheu e foi atingido por uma granada, como me contou o senhor comandante da Esquadrilha de Lanchas.

«Deixou três filhos e uma viúva. Eu com 18 anos, um com 10 e outro com 8 anos, que sentem honra do seu pai e do seu marido.
«Obrigado por ser mais um a reconhecer quem foi o cabo Jorge (...).»

### *EVOCAÇÃO*

Conforme se lê na carta acima transcrita, fiz referência a um marinheiro que servira comigo – o cabo Jorge – e cuja morte me deixara impressionado. Não pude, na altura, obter informações a seu respeito, mas vim a saber que morrera em combate, na Guiné. Esta circunstância impõe-me a obrigação de vir de novo evocar a sua memória, perante a qual me curvo com todo o respeito – aquele que é devido a um militar que faz pela Pátria o sacrifício máximo. Aprendi alguma coisa com o cabo Jorge; direi, no entanto, que a sua morte foi a maior lição que a todos pôde dar.

*O. Lemos*
*Cap.-frag.*

*Do 2.º-sarg. ARE José Duarte Gonçalves Cardoso recebemos uma carta, de que transcrevemos:*

«Bordo do N.R.P. «Comandante Sacadura Cabral», 13-1-74.
«Venho por este meio felicitar VV. Exas. pela força de vontade com que têm dirigido a nossa Revista, e ao mesmo tempo dar resposta ao concurso inserido no n.º 28, respeitante a Janeiro do corrente ano.
«Algumas vezes já, tenho tentado colaborar no que é a Revista da família da Armada, todavia, por falta de tempo ou por falta de coragem, tem-me sido impossível realizar o que pretendo. Desta feita, não será uma colaboração directa, mas é colaborar. (...)»

*De Manuel da Silva Santiago, ex-mar. FZE n.º 1094/64, recebemos uma carta que transcrevemos:*

«Cabanas, 22 de Novembro de 1973.
«(...) Venho por este meio dirigir-me a V. Ex.ª a fim de ser inscrito como assinante da «Revista da Armada».
«Informo V. Ex.ª de que há 6 meses que não leio a «nossa» Revista, sentindo saudades das notícias da Armada onde briosamente cumpri 9 anos de serviço.
«Agradecia bastante que me fosse enviado já o número respeitante ao corrente mês.
«Sem outro assunto, me despeço de V. Ex.ª e de toda a camaradagem inesquecível da Armada com um forte abraço de amizade.»

*De Vítor Manuel Ferreira Moreira, mar. TFD n.º 1589/68, em serviço no patrulha «Cunene», em Angola, recebemos uma carta de que transcrevemos:*

«Luanda, 2-11-73.
«Os meus respeitosos cumprimentos para quem tão decorosamente tem sabido elaborar a nossa já tão popular Revista, e digo popular porque não só tenho constatado o interesse na sua procura nos meios militares como também nos civis.
«Eu não sou excepção à regra, antes pelo contrário. Sou leitor da Revista desde o seu primeiro número. Contudo, não tenho todos os exemplares (...), queria pedir, caso seja possível, para me enviarem os números 1 a 24 e, futuramente, desejava ser assinante. Também queria saber se é viável o seu envio por via aérea; seria mais rápido, não acham?
«Oportunamente enviarei algumas fotografias tiradas aqui em Angola. (...).»

*N. R.: Informamos o nosso leitor que é possível enviar os exemplares pedidos. Quanto à assinatura, embora todos os exemplares enviados para esse Estado sejam remetidos por via aérea através da F. A. P., serão recebidos mais rapidamente por via aérea normal. Ficamos a aguardar as fotos prometidas. Se tiverem interesse e qualidade técnica, poderão oportunamente ser publicadas.*

## RECRUTAMENTO DE 1945

Um grupo de recrutados do ano de 1945 pede-nos para solicitar a todos os «mancebos» que assentaram praça naquele ano para contactarem Mariano Figueiredo, Rua de Trás-os-Montes, 11-6.º Esq. Cruz de Pau – Amora, a fim de poder ser organizada uma reunião de confraternização por ocasião da passagem do 30.º aniversário do recrutamento.

*De Raul Pinto da Costa, mar. C, em serviço na Estação Radionaval de S. Vicente, Cabo Verde, recebemos uma carta que transcrevemos:*

«Mindelo, 14-1-74.
«Através desta venho em primeiro lugar felicitar todos os que ardorosamente trabalham para a nossa Revista.
«É ela, sem dúvida, uma grande obra, tomada sob qualquer aspecto.
«Sou leitor assíduo da nossa Revista. Desde já prometo, logo que me seja possível e dentro das minhas possibilidades, a minha colaboração.
«Felizes sejam os que trazem cultura, informações, recreio, etc., de que tanto necessitamos, pois nem só do pão vive o homem.
«Aproveito a oportunidade para enviar a minha participação no concurso n.º 27, que espero ter acertado.»

*N. R.: Ficamos à espera da colaboração prometida e agradecemos as felicitações enviadas.*

**MAIS UM ANO**

Com o presente número, inicia mais um ano – o terceiro – esta página. Podemos afirmar que, embora modesta e despretenciosa, ela tem alcançado a finalidade a que se propôs de divulgar e fomentar o gosto pelo coleccionamento de selos postais e, ainda, aproximar os filatelistas, particularmente os que prestam serviço no nosso Ministério. Com efeito temos provas de que alguns dos nossos coleccionadores que se encontravam mais ou menos estáticos se reactivaram e que apareceram novos entusiastas – razões suficientemente fortes para prosseguir.

Tivemos também já uma manifestação marcante nos meios filatélicos nacionais que, se quisermos, poderá ainda ser melhor em outra oportunidade.

Estas certezas nos confortam.

# Novos Selos Portugueses

Para assinalar as comemorações do Centenário do Hospital Central de S. Januário de Macau, o Ministério do Ultramar mandou pôr em circulação naquela Província, no passado dia 25 de Janeiro, os dois selos que reproduzimos e que têm como motivos, a efígie do benemérito visconde e o referido hospital. Os selos foram impressos a onze cores o que lhes confere boa apresentação, e no primeiro dia de circulação houve carimbo alusivo.

*OS SELOS E A ARMADA*

# Comandante Carvalho Araújo

Com este nome se imortalizou José Botelho de Carvalho Araújo, nascido em Vila Real em 1880.

Depois de frequentar a Escola Naval, foi promovido a guarda-marinha em 1903, iniciando uma brilhante carreira dentro da Arma que escolheu, breve alcançando projecção de relevo na Armada, ao serviço da qual morreu heroi-

camente em 1918.
Decorria então a chamada 1.ª Grande Guerra Mundial e foi-lhe dada ordem para, com o pequeno caça-minas que comandava – «Augusto Castilho» –, acompanhar um barco de passageiros que de Lisboa se dirigia para os Açores. Percorridos dois terços da viagem, foi o caça-minas atacado pelo gigantesco submarino alemão U 139. O comandante Carvalho Araújo, embora consciente de que não dispunha de armamento que lhe permitisse oferecer com êxito combate ao adversário, não hesitou, mandando abrir fogo, para que durante a luta o navio que acompanhava escapasse, o que na realidade conseguiu.
Ao cabo de renhido combate e ferido mortalmente o comandante, o caça-minas foi afundado, levando consigo o notável Marinheiro. O feito, pela sua bravura, levou os próprios adversários a curvarem-se em homenagem e admiração perante o arrojo e a audácia do ilustre Marinheiro, comandante Carvalho Araújo. Mais tarde, o comandante do U 139, Von Arnauld de la Perière, considerado na época o ás dos ases, ao narrar aquele combate declarou: «Eu nunca vi uma luta mais violenta do que a sustentada durante mais de três horas por aquele velho calhambeque. Os portugueses combatiam como diabos, atirando granadas, umas atrás das outras, dumas peças de brincar (47 m/m), enquanto nós os varríamos da popa à proa. Quando o combate terminou, catorze dos quarenta homens da guarnição jaziam mortos no convés e a maior parte dos restantes encontrava-se ferida.»
É a figura do imortal Marinheiro e do seu barco que ilustra o selo que encima este apontamento.

*G. Brandão*
*2.º-ten. SG*

# CURIOSIDADES

– Por convenção o valor de uma cadeia de expoentes calcula-se partindo-se de cima. Por exemplo $2^{2^{2^2}}$ é resolvido da seguinte forma $2^{2^{2^4}} = 2^{2^{16}} = 2^{65536} = ?$. A solução, recentemente obtida num computador, começa 200 35.... e tem mais dezanove mil setecentos e vinte e nove algarismos. Se juntarmos mais um 2 a esta escada de expoentes o resultado nunca poderá ser calculado porque requereria a idade do universo em tempo de trabalho do computador e o espaço do universo para conter a impressão do número resultante.

O número $9^{9^9}$ é igual a $9^{387420489}$ que é um número que tem mais de 360 milhões de algarismos.

*(In «Scientific American» – Maio 73)*

---

Com a entrada ao serviço em 21-5-73 do navio petroleiro «Marão» a frota de comércio portuguesa ultrapassou 1 milhão de t a b, facto de relevância visto terem sido abatidos à frota nacional um grande número de unidades sobretudo navios de passageiros que como se sabe têm significativa t a b em relação ao porte.

---

O estaleiro Blohm & Voss acaba de entregar à empresa Hapag-Lloyd o navio porta-contentores «Tokyo-Express» que é a décima sexta unidade do grupo Trio. Para a sua primeira viagem, com partida de Hamburgo, este navio, tem uma capacidade para 3000 contentores, embarcou 2000 carregados.

---

Um estudo elaborado pela Federação dos Armadores Alemães sobre o navio do futuro prevê que devido à maior automatização e à electrónica haverá uma redução da tripulação de 35 para apenas 12 homens. Esta nova concepção requer dos tripulantes uma formação profissional completamente nova visto que terão de ter conhecimentos base mais amplos.

*(In «Boletim Analítico da J. N. M. M.» – Maio 73)*

---

## OCEANOGRAFIA

### SETE IMERSÕES DO BATISCAFO «ARCHIMÉDE» NA FENDA MÉDIO-ATLÂNTICA

Depois de uma dezena de anos, os geofísicos compreenderam que o fundo do oceano se renova constantemente com materiais novos que brotam de uma fenda da crosta terrestre de mais de 50 000 quilómetros.

Esta descoberta e o seu corolário (o deslocamento dos continentes) permitiram aos especialistas a elaboração da teoria tectónica das placas, primeira hipótese global da evolução da superfície da Terra. Mas até esta altura, ninguém tinha visto esta fenda e as fracturas que a ladeiam, excepto nos locais onde emergem (sobretudo na Islândia).

Com os sete mergulhos efectuados ao longo do Verão passado, a 360 km a sudoeste dos Açores com o auxílio da batiscafo «Archiméde», geofísicos franceses e americanos, dirigidos por M. le Pichon, responsável científico da missão, puderam observar e estudar pela primeira vez um ponto particular desta zona importantíssima na evolução do planeta.

É ainda muito cedo para tirar conclusões destas observações e da colheita de rochas efectuada, pois esta série de experiências não foi senão o prelúdio do projecto franco-americano F.A.M.O.U.S. (French American Mid Oceanic Undersea Survey) (Levantamento franco-americano do fundo a meio do oceano). No decorrer deste último, que se verificará em Julho e em Agosto de 1974, juntar-se-ão ao «Archiméde» o disco imersor «SP 3000» e o submarino americano «Alvin» para efectuar cerca de 50 imersões na mesma zona.

## AMBIENTE

### UTILIZAÇÃO DE UM ENGENHO DE COMBATE À POLUIÇÃO DOS MARES

Durante o Verão passado, a companhia das águas da cidade de Nice (Alpes-Marítimos) pôs à disposição das estações do litoral da Côte d'Azur barcos especialmente equipados para combater a poluição dos mares e dos portos. Estas embarcações designadas «Pelicanos» («Pélicans») cumpriram três funções: concentraram os lençóis de água poluentes com o auxílio de duas «tenazes móveis», sugaram e posteriormente filtraram os produtos assim recolhidos.

Com o objectivo de desenvolver a sua acção, os diferentes engenhos foram equipados no sentido de satisfazerem duas funções complementares: tratar as poluições residuais através da adição de produtos de dispersão bio-deterioráveis e oxigenar o lençol de água.

Realizou-se recentemente, no porto petroleiro das Antibas, uma demonstração destes materiais melhorados. Foram despejados 800 litros de mazute na doca para reconstituir, de uma forma bastante fiel, a poluição de que são vítimas, muitas vezes, as costas mediterrânicas.

Os resultados obtidos são concludentes. A grande capacidade do «Pelicano» permitiu-lhe absorver 15 a 20 $m^3$ de petróleo por hora.

A operação desenrolou-se em três fases:

– suspensão da causa da poluição;

– limitação da extensão do lençol de água poluente por meio da instalação de uma barragem amovível;

– eliminação do lençol de água.

*(In «B. N. F.», de 10-11-73)*

# reportagem

## CONSELHO SUPERIOR DE DISCIPLINA DA ARMADA

Foi nomeado presidente do Conselho Superior de Disciplina da Armada o contra-almirante Freitas Ribeiro que substitui no desempenho deste cargo o vice-almirante Ornelas e Vasconcelos que recentemente foi empossado como presidente do Supremo Tribunal Militar.

# CUMPRIMENTOS DE ANO NOVO AO MINISTRO DA MARINHA

No dia 2 de Janeiro, o vice-almirante Ferreira de Almeida, chefe do Estado-Maior da Armada, acompanhado dos contra-almirantes e comodoros presentemente no Continente, apresentou ao ministro da Marinha, no seu gabinete, as tradicionais saudações da quadra festiva e os votos de prosperidades para o novo ano no exercício da sua função governativa, a que juntou os seus propósitos de colaboração, assim como de toda a Armada, para a realização das tarefas que à mesma competem.

O ministro agradeceu afirmando que contava inteiramente com a cooperação de todos quantos servem a Armada para o desempenho com êxito das suas funções no decurso deste novo ano.

## UMA CASA DE SAÚDE PARA A MARINHA

Importante melhoramento este que no dia 7 de Janeiro o ministro da Marinha inaugurou no Alfeite e que muito vem beneficiar as famílias dos militares que servem a Armada.

Trata-se de um edifício com três pisos e de 85 metros de comprimento, dispondo de 58 camas distribuídas por quartos equipados com os requisitos necessários ao fim em vista; a maioria dos quartos tem casa de banho, encontrando-se esta nova construção apetrechada com uma central de emergência.

A obra, que ficou concluida em 10 meses e que importou em cerca de 8000 contos, foi estudada, projectada, executada e financiada pela Fábrica Nacional de Cordoaria e construída em terrenos da sua Secção Comercial do Alfeite. Integra-se num conjunto social constituído por um hipermercado, hospital, casa de repouso e cinema, estando os dois primeiros edifícios já construídos e os dois últimos em construção.

A nova casa de saúde destina-se às famílias dos militares da Armada e também pode ser utilizada pelas famílias dos militares do Exército e da Força Aérea.

À inauguração assistiram o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida; o superintendente dos Serviços do Pessoal da Armada, contra-almirante Santos e Silva; o comandante naval do Continente, contra-almirante Luciano Bastos; o director da Fábrica Nacional de Cordoaria, comodoro Jacinto Pereira; o director do Serviço de Saúde Naval, comodoro Mário Santos; os director e subdirector do Hospital da Marinha, capitães-de-mar-e-guerra médico naval Ferraz de Abreu e Batista Coelho, respectivamente, assim como todo o corpo clínico e outros oficiais. Após demorada visita às instalações pelas entidades presentes, foi servido um almoço no restaurante do Supermercado do Alfeite.

Alguns dias após a entrada em funcionamento da nova Casa de Saúde, precisamente às 11.35 do dia 11 de Janeiro, verificava-se o nascimento de uma criança, a primeira desde sempre, em instalações da Marinha, facto que, por ser inédito, se regista.

Trata-se de uma menina, com o peso de 3 quilogramas e a quem vai ser dado o nome de Susana de Fátima Amador Silvestre; é filha de Esperança Palma Mateus Silvestre e do marinheiro fuzileiro 106/65 José Romão Silvestre, actualmente a prestar serviço no gabinete do ministro.

A direcção da Fábrica Nacional de Cordoaria, celebrando o primeiro nascimento na Casa de Saúde, ofereceu à Susana um enxoval completo.

## CONDECORAÇÃO DO ADIDO NAVAL ESPANHOL

O ministro da Marinha condecorou no passado dia 9 de Janeiro no seu gabinete o capitão-de-mar-e-guerra da Marinha espanhola Zumalacarregui Calvo que vai brevemente regressar ao seu país por ter terminado a sua comissão de serviço em Portugal, onde desempenhou as funções de Adido Naval à Embaixada de Espanha.

À cerimónia de atribuição da medalha de Mérito Militar de 2.ª classe assistiram os chefe e vice-chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ferreira de Almeida e contra-almirante Jaime Lopes, respectivamente, oficiais do Estado-Maior da Armada e do gabinete do ministro e o novo adido naval, capitão-de-mar-e-guerra Gomez Torrente.

## CONDECORAÇÃO DO CONTRA-ALMIRANTE RAMALHO ROSA

O contra-almirante Ramalho Rosa, que recentemente foi transferido para o quadro da Reforma, foi condecorado no dia 10 de Janeiro pelo ministro da Marinha que lhe fez a imposição da medalha Militar de Ouro de Serviços Distintos, pela forma como exerceu vários comandos e funções em que revelou os seus dotes de inteligência, espírito de devoção pelo serviço, bom senso e dedicação pela Armada.

Estiveram presentes os actuais director e subdirector do Museu de Marinha, contra-almirante Correia Guedes e capitão-de-mar-e-guerra Carvalho Andrade, respectivamente; o director do Planetário Calouste Gulbenkian, capitão-de-mar-e-guerra Silva Gameiro, e os oficiais que prestam serviço no Museu de Marinha e no gabinete do ministro.

## CONFRATERNIZAÇÃO DO RECRUTAMENTO DE 1947

No dia 13 de Janeiro teve lugar uma reunião de convívio dos elementos recrutados para a Armada no ano de 1947, celebrando o 27.º aniversário desta data.

Deslocando-se em três autocarros, os presentes, que com os seus familiares perfaziam um total de 110 pessoas, dirigiram-se em primeiro lugar a Santarém; aqui, na Igreja da Graça, prestaram homenagem ao navegador Pedro Álvares Cabral com a deposição de uma palma de flores no seu túmulo; seguidamente tiveram o seu almoço de convívio em Almeirim onde, na recordação dos tempos do seu recrutamento, foram saudosamente lembrados episódios e pessoas da época.

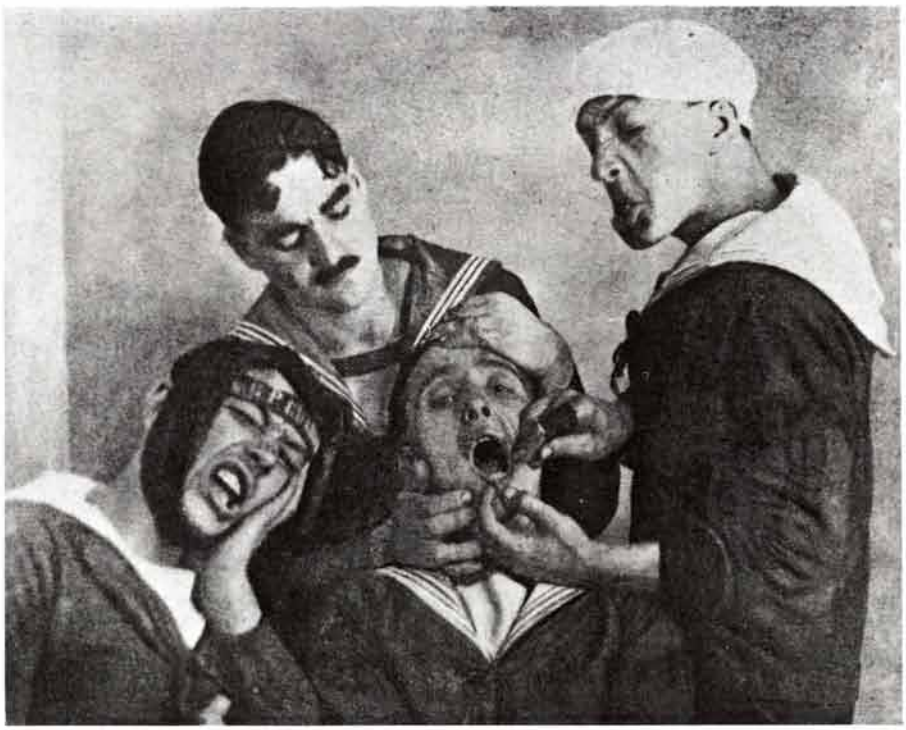
Finalmente, a comissão organizadora destas reuniões entregou ao elemento mais velho daquele recrutamento uma lembrança pela passagem do 27.º aniversário da data em que assentaram praça na Armada.

## REUNIÃO DE CONVÍVIO DO PESSOAL DA DIRECÇÃO DO SERVIÇO DO PESSOAL

O pessoal militar e civil da 1.ª Repartição da Direcção do Serviço de Pessoal, acompanhado de familiares, reunindo cerca de 50 pessoas, efectuou mais uma excursão, visitando desta vez a cidade de Évora.

O passeio decorreu no meio de sã camaradagem e pleno de alegria, conforme demonstra a fotografia publicada.

# quarto de folga



## O HUMORISMO DOS NOSSOS MARUJOS

«Os homens que passam a vida no mar, assim como são diferentes dos outros, criam sobre a pele o tom doirado das areias movediças e espelham nos olhos o verde cristalino das ondas, formam e amoldam o espírito numa outra psicologia mais livre e mais independente. No meio do mar respira-se outro ar, vive-se outra vida, horizontes mais largos, céu mais claro, coração maior.

Por isso, quando os homens do mar andam em terra, são generosos e sentimentais. Do perigo constante das águas do mar vem-lhe o desprezo pelo perigo mesquinho dos homens da terra. É essa a estranha psicologia dos marujos: sentimentais e amorosos, brigões e destemidos, generosos e leais – uma guitarra, uma navalha, uma esmola a um cego. Nas vielas, de noite, um cravo vermelho nos dentes, o marujo disputa a mulher à ponta de faca – e vai rezar, no dia seguinte, a missa da manhã antes de embarcar, a Santos-o-Velho...

Amigos – das amizades que se selam nas noites de temporal ao estalar das ondas –, uns com os outros, os marujos são alegres, têm o bom humor das consciências sãs, e nas tardes de calmaria, contam-se entre si, a «estibordo», anedotas picantes...

Depois o marujo tem para a sua fantasia as ilustrações maravilhosas das viagens. A cada passo, com os exageros meridionais duma narrativa, a sua inteligência se aguça e o seu cérebro se exalta. Começa a ter necessidades intelectuais. Lê. Há centenas de marinheiros que assinam este jornal. Têm exigências de «toilette»: lavam-se irrepreensivelmente e penteiam-se a capricho. Impõem-se mesmo um certo luxo: usam anéis, relógio de pulso, calçam polimento. Um dia, sob pretexto de asseio, quiseram pôr-lhe o cabelo mais curto. Responderam que o cabelo era um ornamento natural, que não havia o direito de o trazer rapado quem sabia tratar da cabeça e que... o ministro era careca!...

Um exemplo do seu humorismo natural imprevisto, gracioso, é a fotografia extraordinária que hoje damos aos nossos leitores. Um grupo de marujos, entrou bem disposto, numa tarde de domingo, pela fotografia do Sr. Silva Guimarães, à rua do Almada. E, sem «tirte nem guarte» posou para o grupo, no meio do espanto risonho do fotógrafo. O que há nessas expressões de graça e espontaneidade, basta para assegurar o fundo humorístico e profundamente espirituoso dum povo – humorismo tanto mais raro quanto é certo que foi um grupo de soldados e marinheiros ingleses e italianos que, pelas suas gargalhadas defronte da montra que encerrava aquela fotografia, nos chamou a atenção.

Não pode o leitor também, deixar de ter simpatia por estes quatro rostos de portugueses, desanuviados e simples, que acabam indiscutivelmente de lhe fazer descerrar os lábios num sorriso saudável...

E sabe porque sorriu?

– Porque lhe puseram na frente uma inconfundível nota de graça portuguesa – ora aí está!»

*(In «ABC Revista Portuguesa», n.º 54, de 21-7-921)*

---

## PROVÉRBIO CHINÊS

Concede-te um momento de paz e compreenderás como foste néscio em andar a correr.

Aprende a calar-te e verificarás que tens falado demais. Sê bondoso e verás que o teu juízo acerca dos outros era excessivamente severo.

*Tschen Tschi Ju*

---

## ESTA ACONTECEU...

Das manifestações de arte e folclore dos povos africanos que mais impressionam o europeu viajante daquelas paragens mal devassadas ainda da «civilização» que nós entendemos, sobressaem, sem dúvida, as danças de mascarados. Com os nomes de muquixas, xinganges, ou designações de outras etnias, os mascarados representam sempre qualquer coisa que o ocidental não compreende inteiramente. Mas não admira. Até mesmo entre os povos a que pertencem se instituem com frequência normas e ritos que alimentam de mistério os saltos acrobáticos, os gestos sacudidos ritmados mas violentos, o simples aparecimento em público. Em terras de Caiundo, por exemplo, onde a Marinha possui a carreira fluvial do Cubango, as mulheres só podem assistir à dança de xinganges, de muito longe; é vê-las fugir, pondo-se a bom recato, quando aparece o mascarado vestido da cabeça aos pés com fato de ráfia, penas, guisos, javite, e a máscara de madeira, impressionante, amarrada na cabeça.

Certa vez, em dança de xinganges organizada por visita do governador-geral, o administrador de posto elucidava Sua Excelência sobre semelhantes usos e costumes, adiantando que as mulheres temiam sobretudo a natureza de espíritos do outro mundo que havia no simbolismo dos mascarados. E, para apoio do que dizia, pediu a confirmação de homem grande, ali presente, idoso e ponderado, a quem perguntou, mais ou menos, naquele português de sintaxe tropical, se não era um espírito o que dançava com o fato de máscara do xingange. Resposta afirmativa do seculo, como é invariável com africanos, mas seguida, momentos depois, de esclarecimento tipo confidência: «É espírito – mas lá dentro tem homem»...

*Sousa Machado*
*Cap-m.-g.*

---

## CONCURSO N.º 30

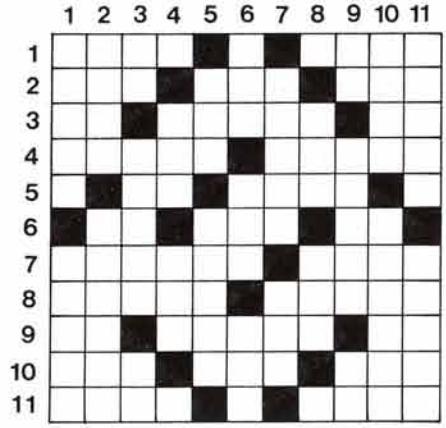
*Sorteio de um prémio entre as respostas certas.*

B O V T Á R L I T M O P D S
A L M O G L D M A S S O I O
V C L P L A B U T E S N A L
I S A O I D G D I A T T D F
C O G O Ã M I T R O P V D D
A T I O O A M B A T R O A E
T Ã A L A C A N O S A Õ S T
M O S S I A G A O S I X O N
O A A B Á A L L X F A R T E
I D I O T A S D I L I O R C
R A S A A N I H N A N G O I
A G O D F A C L T R G S V
D L F N A A M I A O X L A S
D E M A B T O L X S R A F A
O D P U V I A T S S V H O C
S A R L E I X O E S O C T Ã
O T P I I M O S T M S N O S
M N A S R Á T M A C A U L O
I O S A R I E B E C T F U N
A P E R A T A B O T I M S A

Procure em todos os sentidos, menos obliquamente, o nome de 13 portos marítimos do continente, ilhas adjacentes e ultramar e um fluvial.

*Basto Carreira*
*Cap.-m.-g. RF*

## PALAVRAS CRUZADAS



**HORIZONTAIS:** 1 – Vaso com que se transporta o sal nas marinhas; instrumento de caça usado entre os cabilas da Argélia. 2 – Manto de beduínos; moeda em Macau; letra grega. 3 – Batráquio; fechara as asas; nome de antiga nota musical. 4 – Chamariz (pl.); forma do verbo ter. 5 – O mesmo que o; designativo de número indefinido e elevado. 6 – Abreviatura de grama; suspiros; nome de letra. 7 – Dinheiro (pop.); teia. 8 – Fruto silvestre; rachas com faca uma melancia. 9 – Desfolhado; bestial; aspecto (inv.). 10 – Base aérea; rezo; igual. 11 – Tulha subterrânea; resultado da acção que a gravidade exerce num corpo.

**VERTICAIS:** 1 – Filósofo italiano (ap.); tubos próprios para conduzirem líquidos ou gases. 2 – Sopés; é a designação corrente no português de Timor, originária da Índia de dada fibra vegetal extraída da gamuteira. 3 – Nota musical; outeiro; outra coisa. 4 – Malícia; além disso. 5 – Suspiros; por eventualidade. 6 – Planta labiada; bêbedo (gír.); Navio da República Portuguesa. 7 – Nascimento de astro (pl.); constelação austral. 8 – Três letras de leal; semelhante. 9 – Pateta (pop.); nome de um barco de guerra; medida. 10 – Trata por tu; prendera com elos. 11 – Pedra, cujas arestas corroem a amarra do navio fundeado (pl.); planta vivaz e medicinal.

Depois de resolvido este problema, nele encontrará o nome de um navio de guerra português.

*Carmo Pinto*
*1.º-sarg. H*

*(Solução na pág. 34)*

## QUADRAS

*Como era diferente a minha,*
*Desta Marinha Yé-Yé...*
*Vejam que a minha até tinha,*
*Marujo cheirando rapé.*

*Não existiam fragatas*
*Com teletype e radar,*
*Mas as nossas camaratas,*
*Eram de pôr e tirar.*

*Só vencia promoção,*
*Quem tivesse viajado,*
*Dois anos em comissão*
*No plano inclinado.*

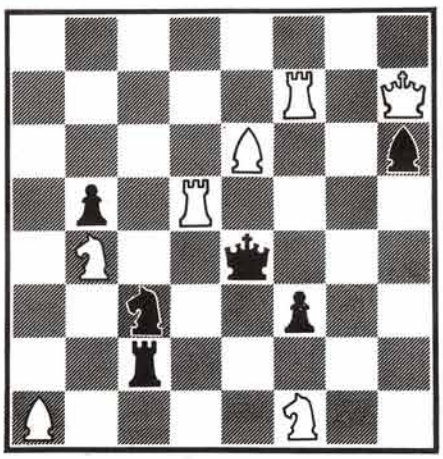
*Havia vasos de guerra,*
*E que vasos, mas que Amores!...*
*Viajavam tanto em terra*
*Que até criavam flores.*

*Morreu o marujo gingão*
*Escondido p'ra vomitar,*
*Usando a velha expressão:*
*No meu tempo é que era Mar!...*

*Aquilo é que era Marinha...*
*Leão? Já nem gato é!...*
*Não era melhor a minha*
*Do que esta Marinha yé-yé?!*

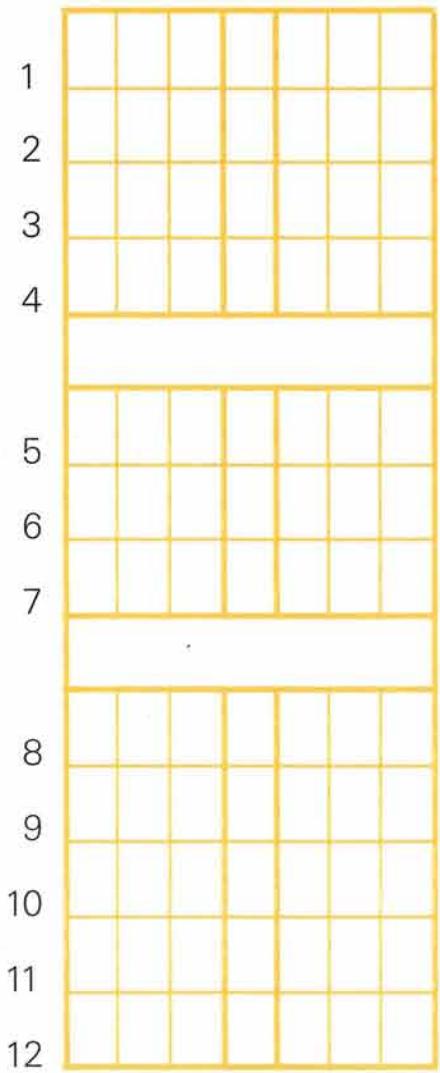
*João A. G. Lavrador*
*Ex-aluno marinheiro de 1943*

## XADREZ



**Jogam as brancas e dão mate em dois lances.**

## PILHA DE PALAVRAS




1 – Porção. 2 – Peixe-diabo. 3 – Moleirão. 4 – Merlim. 5 – Malparado. 6 – Enfatuado. 7 – Vaguear. 8 – Banhista. 9 – Conter. 10 – Suíno. 11 – Pomar. 12 – Abominar.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome dum cabo muito conhecido e procurado a bordo dos nossos navios. Este passatempo apresenta a particularidade das palavras se iniciarem pela letra «P».

*Basto Carreira*
*Cap.-m.-g. RF*

# SOLUÇÕES

## PALAVRAS CRUZADAS

**HORIZONTAIS:** 1 – Gafa; izar. 2 – Aba; avo; eta. 3 – Rã; siara; ut. 4 – Iscas; terão. 5 – El; poli. 6 – Gr; ais; ge. 7 – Caroço; tela. 8 – Amora; calas. 9 – Nu; asnal; ra. 10 – Ota; oro; par. 11 – Silo; peso.
**VERTICAIS:** 1 – Garin; canos. 2 – Abas; gamuti. 3 – Fá; cerro; al. 4 – Sal; ora. 5 – Ais; acaso. 6 – Iva; pio; NRP. 7 – Ortos; cão. 8 – Ael; tal. 9 – Zé; Rígel; pé. 10 – Atua; elaras. 11 – Ratos; asaro.

*(N. R. P. «Rígel»)*

## XADREZ

(A chave é C-d3)

## PILHA DE PALAVRAS

1 – Parcela. 2 – Piranha. 3 – Pomboca. 4 – Palomar. 5 – Perdido. 6 – Pedante. 7 – Passear. 8 – Praiano. 9 – Possuir. 10 – Porcino. 11 – Pomagem. 12 – Prasmar.

*(«Cabo das Iscas»)*

## SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 28

Brigue, barca, cuter, fragata, escuna, lugre, corveta, palhabote, chalupa, galera, patacho e iate.

VENCEDOR: 2.º sarg. ARE José D. G. Cardoso, do N. R. P. «Comandante Sacadura Cabral».

# BIOMBO

# Com motivo Histórico

Existe no Museu de Marinha, e ali está exposto na chamada «Sala do Oriente» da inspiração do comandante Jayme do Inso, um biombo japonês, cujo motivo deçorativo se fundamenta num facto histórico, relacionado com os portugueses.

Segundo a legenda que naquele Museu está exposta e nos inspira este comentário, deve ser um dos originais mais antigos, a segunda ou terceira pintura, do século XVII, feita sob o motivo.

Como é sabido, Portugal foi o primeiro povo europeu que estabeleceu contacto com os japoneses, isto é, os japoneses viram assim, pela primeira vez, várias coisas que não eram dos seus usos e costumes, por exemplo, uma espingarda.

O acontecimento marcou tanto na vida do povo japonês, que a verdade é que, ainda hoje, na sua língua nativa, subsistem palavras portuguesas, que aquele povo do oriente teve que importar para o seu vocabulário, pois não as tinha para essas coisas novas que então via pela primeira vez. De uns tantos exemplos que existem, dois nos saltam à memória: «pão» e «vidro».

É curioso que, como o nosso ditongo «ão» é de uma pronúncia única no mundo, rude e áspera, os japoneses adoçaram a palavra «pão» e dizem «pã».

Dessas relações estabelecidas, resultou um florescente comércio, entre os portos do Japão e Macau, por intermédio das chamadas «naus da prata» nome que traduzia o valor que elas passaram a representar e atingiram.

Como todos se recordam da História Pátria que nos anda no coração, os 60 anos de domínio espanhol, além de todos os dissabores e tristezas inerentes ao facto, trouxeram-nos também e contra nós, todos os inimigos da Espanha, que assim se aproveitaram do facto para tentar espoliar-nos dos preciosos territórios, espalhados pelo mundo, que a grandeza ímpar da época das descobertas e conquistas, nos trouxera.

Libertado Portugal do jugo espanhol, seguiu-se a tarefa gigantesca de restaurar o prestígio português sobre um mundo, que não queria largar o que nos tinha conquistado.

Tal tarefa coube, como é natural, fundamentalmente a uma Marinha, seriamente abalada pela derrota da «Invencível Armada», onde tivemos que cooperar com os espanhóis na louca aventura de Filipe II, pretendendo conquistar uma Inglaterra de Isabel I.

E assim D. João IV mandou, para tentar restabelecer as interrompidas relações, uma embaixada, chefiada pelo capitão-mor Gonçalo de Sequeira e Sousa, comandando os galeões «Santo André» e «São João», sendo o primeiro o navio chefe.

Tal Armada saiu de Lisboa a 5 de Fevereiro de 1644 e chegou a Nagasaki a 26 de Julho de 1647.

Em 1639, por motivos político-religiosos, o Japão expulsou os portugueses e, sob pena de morte, proibira a nossa entrada no país, facto que pôs termo àquele florescente comércio de que já se fez referência.

Recordemos que a embaixada tinha por principal objectivo o restabelecimento das anteriores relações comerciais entre as duas nações e, para isso, Gonçalo de Sequeira e Sousa, o experimentado marinheiro dos mares do oriente, levava consigo uma carta escrita pelo próprio punho de D. João IV, dirigida ao Imperador do Japão, na qual o nosso rei especificadamente solicitava o reatamento das relações comerciais interrompidas.

Fazer chegar a carta às mãos do imperador era positivamente um ponto de honra.

Mas, a presença no porto de uma Armada holandesa de três navios, o «Kampen», «Berkchout» e «Jonker», quase que fazia gorar os nossos propósitos, pois os holandeses, nossos inimigos de então, avisaram os japoneses da nossa chegada e estes, envenenados de intrigas, dispuseram-se a receber-nos de ponta em riste.

A coisa esteve feia e não fora o tacto diplomático do nosso embaixador bem como a sua firmeza de propósitos, não satisfazendo exigências humilhantes, por parte dos japoneses, como seja o desembarque do nosso armamento e munições, não só a Armada que ele comandava, não conseguiria sair do bloqueio a que foi submetida, como também a carta do nosso rei não chegaria às mãos do imperador japonês, em Yedo, como chegou.

A resposta que veio não foi favorável aos portugueses, que tiveram de retirar, conseguindo fazê-lo em boa ordem, sem travar batalha, que necessariamente seria desastrosa para nós. A 4 de Setembro do mesmo ano os navios sairam livremente daquele bloqueio, pois os japoneses

# BIOMBO
## Com motivo Histórico

abriram o porto também satisfeitos de tudo acabar em bem.

O biombo mostra a disposição das forças intervenientes na altura do bloqueio.

Os nossos dois navios apresentavam 400 homens de guarnição e 46 peças de artilharia e a sua chegada provocou o pânico entre as mulheres e crianças, que se refugiaram nos montes próximos. São os navios com bandeira vermelha e uma cruz que certamente pretende representar a de Cristo.

Os japoneses concentraram nas margens mais de 50 000 homens com poderosa artilharia, indicados no desenho do biombo pelos distintivos dos senhores feudais que os comandavam bem como cerca de 1000 embarcações na baía, fechando a sua entrada com uma ponte de barcaças, fortemente defendidas e armadas.

Também se vêem alguns barcos de vigia japoneses que completavam o esquema de reacção hostil.

Os três navios holandeses são aqueles que ostentam bandeiras listradas e estão desenhados ao contrário dos portugueses. Este episódio marcou tanto no sentir japonês que, largo tempo e no decorrer dos anos, foi tratado por vários artistas japoneses em diversas manifestações de arte.

*A. Carvalho Andrade*
*Cap.-m.-g.*

*(Foto do Museu de Marinha)*